

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE DE SOUZA FERREIRA

**ENTRE PRESENCAS E AUSÊNCIAS: MULHERES ADULTAS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA PRODUÇÃO TEÓRICA BRASILEIRA.**

CURITIBA

2024

Caroline de Souza Ferreira

CAROLINE DE SOUZA FERREIRA

ENTRE PRESENCAS E AUSÊNCIAS: MULHERES ADULTAS COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA PRODUÇÃO TEÓRICA BRASILEIRA.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia, Setor
de Educação, Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Célia Ratusniak

CURITIBA

2024

Dedico esse trabalho a minha menina de olhos profundos e cabelos cacheados, que carrega no brilho dos olhos a promessa de um futuro que ainda não conhecemos, e no pulsar do coração, a força de todas as mulheres que vieram antes dela. Caminhe, filha, como quem sabe que o chão sob seus pés foi conquistado com coragem e que o horizonte nunca será o bastante para o tamanho da sua história.

AGRADECIMENTOS

Às minhas avós, matriarcas de força, que me ensinaram que a inteligência não se limita ao que é institucional. Vocês me mostraram que ela floresce também nas mãos calejadas, na sabedoria do dia a dia, e até mesmo naquilo que o mundo insiste em desvalorizar.

Ao meus pais e minha mãe, por acreditarem na educação como um caminho de transformação e por sempre cultivarem em mim a liberdade de ser e sonhar. Obrigada por sustentarem minha coragem.

À minha irmã, a mulher mais inteligente e inquieta que conheço. Sou quem sou porque você é quem é. Sua coragem em ser, pensar e desafiar o mundo me inspira todos os dias. Obrigada por ser farol e força, sempre.

Aos professores e professoras que me atravessaram, que não me puniram por comportamentos que ainda não sabiam nomear — reflexos das Altas Habilidades —, mas, ao invés disso, me impulsionaram.

Às vivências e experiências que moldaram cada pedaço do meu ser e me conduziram ao autoconhecimento. Obrigada por me guiarem em direção à transição de carreira e à descoberta de que a Educação não só dá sentido à minha vida, mas também me levou a identificação das Altas Habilidades/Superdotação.

À professora Megg, por me enxergar em um momento de dor e vulnerabilidade, e me resgatar no puerpério, evitando que eu trancasse meu curso. Sua sensibilidade e humanidade foram rotas para que eu permanecesse no caminho.

À professora Célia, que tornou meu sonho de pesquisar uma realidade. Obrigada por me ensinar com gentileza, por acolher minhas falhas sem julgamento, mas com caminhos para superá-las. Sua orientação trouxe não apenas rigor acadêmico, mas também o letramento racial e de gênero que hoje, tornam meu olhar sensível e fundamentam minha visão de mundo.

Ao meu marido, por ser um entusiasta do meu futuro e meu parceiro em cada passo dessa jornada. Obrigada por me permitir viver o momento de ser estudante mãe com segurança e apoio, por compartilhar a vida e as tarefas, e por caminhar ao meu lado com paciência e amor.

À maternidade, por desacelerar o meu ritmo e moldar meu percurso até o lugar onde me encontro hoje. Um lugar que sinto ser, finalmente, o certo.

"Se queremos um mundo de igualdade, precisamos estar dispostos a sonhar, a lutar e a criar um espaço para todas as vozes serem ouvidas."

— Bell hooks, 1990.

RESUMO

Este trabalho investiga a produção acadêmica brasileira sobre mulheres adultas com altas habilidades/superdotação (AH/SD), analisando artigos revisados por pares disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES. A pesquisa utiliza a interseccionalidade como referencial teórico, considerando gênero, raça e superdotação, para explorar como esses marcadores sociais influenciam a visibilidade e o reconhecimento dessas mulheres no campo acadêmico. A metodologia adotada é a revisão integrativa, com critérios rigorosos de seleção e análise de artigos. Foram identificadas lacunas significativas na literatura acadêmica sobre o tema, revelando a sub-representação de mulheres, especialmente negras, nos estudos sobre AH/SD. Entre os objetivos, destacam-se traçar o perfil dessas mulheres, compreender seus processos de identificação e analisar suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Os resultados reforçam a urgência de políticas públicas inclusivas que reconheçam a diversidade e superem estereótipos de gênero e raça no reconhecimento de altas habilidades.

Palavras-chave: Altas habilidades. Superdotação. Mulheres adultas.

Interseccionalidade. Invisibilidade.

ABSTRACT

This study investigates Brazilian academic production on adult women with giftedness/high abilities (G/HA), analyzing peer-reviewed articles available on the CAPES Periodicals Portal. The research uses intersectionality as a theoretical framework, considering gender, race, and giftedness, to explore how these social markers influence the visibility and recognition of these women in academia. The methodology employed is an integrative review with rigorous criteria for selecting and analyzing articles. Significant gaps were identified in the academic literature on this topic, revealing the underrepresentation of women, especially Black women, in studies on G/HA. The objectives include profiling these women, understanding their identification processes, and analyzing their academic and professional trajectories. The findings underscore the urgency of inclusive public policies that acknowledge diversity and challenge gender and racial stereotypes in the recognition of high abilities.

Keywords: High abilities. Giftedness. Adult women. Intersectionality. Invisibility.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- BUSCA DE IMAGEM- BUSCADOR GOOGLE.....	40
---	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- DESCRITORES PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS.....	46
TABELA 2: LEVANTAMENTO ARTIGOS BASE DE DADOS: CAPES - CAFÉ.....	47
TABELA 3: ARTIGOS SELECIONADOS.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REVISÃO DE LITERATURA - ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CONCEITUAÇÃO, HISTÓRICO E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO	22
2.1 DEFINIÇÃO DA TERMINOLOGIA AH/SD NOS DOCUMENTOS QUE NORMATIZAM E ESTRUTURAM O TRABALHO COM AH/SD NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	22
2.2 CONCEITO E HISTÓRICO DAS ALTAS HABILIDADES	23
2.3 HISTÓRICO DO MARCO LEGAL DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO ÂMBITO EDUCACIONAL NO BRASIL	25
2.4 DADOS SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	28
3 ANÁLISE INTERSECCIONACIONAL DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO COM FOCO EM GÊNERO E RAÇA	36
3.1 OS ESTEREÓTIPOS DAS ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO	39
3.2 A AUSÊNCIA DE DADOS OFICIAIS: DESIGUALDADE E INVISIBILIDADE	41
4 MATERIAIS E MÉTODOS	45
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS:	51
5.1 PERFIL DAS MULHERES ADULTAS COM AH/SD	52
5.2 PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO	58
5.3 TRAJETÓRIAS: ESCOLAR, ACADÊMICA E PROFISSIONAL E A EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE.	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento de artigos acadêmicos disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES que pesquisem ou que discutam a temática das Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) em mulheres, com a seguinte pergunta de pesquisa "Existem pesquisas que problematizam as AH/SD em mulheres publicadas sob a forma de artigo em revistas acadêmicas revisados por pares no Portal de Periódicos da CAPES?". Ele está vinculado a uma pesquisa maior do Grupo de Estudos sobre Mulheres com Altas Habilidades/ Superdotação do Laboratório de Práticas, Pesquisas e Políticas Educacionais em Altas Habilidades/Superdotação. Interseccionalidade será utilizada como ferramenta de análise, trabalhando com os marcadores sociais gênero, raça e superdotação, analisando se esses marcadores sociais têm sido considerados na produção acadêmica contemporânea.

Como mulher negra de pele clara, identificada tardiamente na vida adulta com AH/SD na área de Linguagens, questionei por muitos anos essa forma de inteligência que me foi atribuída. Durante minha infância e adolescência, minha trajetória escolar não foi marcada por fracassos ou grandes dificuldades; contudo, também não foi reconhecida como brilhante, nem pelos professores e professoras, nem por minha família. Essa ausência de reconhecimento, para mim, parecia contraditória com o que eu acreditava ser fundamental na trajetória de alguém cuja superdotação faz parte de sua história.

Muitos questionamentos surgiram a partir dessa identificação, como: por que essa inteligência nunca foi reconhecida ou valorizada em mim? Quem foram as pessoas que identifiquei como inteligentes e que cruzaram minha trajetória escolar? Quem são os referenciais de inteligência na minha família? Como minha família enxerga a inteligência? Outras formas de inteligência, além do universo acadêmico, são reconhecidas como inteligências? Qual é a imagem de uma pessoa comumente associada à superdotação? Essas perguntas entrelaçam e permeiam minha história, e durante a disciplina optativa Tópicos especiais em educação III- Altas Habilidades/Superdotação, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, percebi que essas dúvidas não eram exclusivas minhas. Reconheci que o diagnóstico tardio de AH/SD em mulheres é mais comum do que eu imaginava, e, a

partir disso, minha trajetória pessoal se tornou a motivação central para o desenvolvimento desta pesquisa.

Durante meu processo de transição de carreira, busquei ajuda profissional para aprofundar o autoconhecimento e reconhecer minhas aptidões. Nesse contexto, como mulher com trajetória escolar no setor público e pertencente à classe média baixa, tive a oportunidade de acessar alternativas de atendimento clínico particular, onde fui identificada com altas habilidades/superdotação (AH/SD). Essa identificação foi possível graças ao olhar especializado de uma psicóloga que, ao perceber indícios de AH/SD, me encaminhou para avaliação formal. Essa experiência revelou tanto o papel essencial do suporte clínico especializado para o reconhecimento de potencialidades quanto as limitações impostas por fatores socioeconômicos, que frequentemente dificultam o acesso a tais diagnósticos para indivíduos de classes sociais mais baixas, especialmente mulheres.

É importante destacar todas essas características, pois foram elas que levaram a mim e à minha família a questionar o resultado do processo avaliativo. Durante toda a minha vida, convivi apenas com as dificuldades que pessoas neurodivergentes enfrentam no dia a dia, e em nenhum momento alguém reconheceu em mim o potencial das AH/SD.

A trajetória de uma mulher com AH/SD diagnosticada tardiamente é frequentemente marcada por desafios no reconhecimento de sua capacidade intelectual, sobretudo quando a construção da noção de inteligência que lhe foi apresentada ao longo de sua vida escolar está profundamente enraizada em perspectivas eurocêntricas. Desde cedo, a figura do homem branco e europeu, considerado o ideal de inteligência e genialidade, domina o imaginário acadêmico, influenciando os critérios de excelência e sucesso. Na maioria das vezes, essas mulheres não encontram referências que dialoguem com suas vivências ou que validem suas formas de conhecimento e habilidades, especialmente em espaços escolares que perpetuam um currículo centrado em epistemologias ocidentais.

Ao falar de mulheres, é preciso considerar que os marcadores sociais da diferença que carregam as aproximam e as afastam da norma eurocêntrica. Nesse sentido, Megg Rayara afirma, que as representações sociais a respeito de travestis e mulheres transexuais, negras e brancas, seguem atualizando visões preconceituosas e reducionistas no espaço acadêmico dificultando que sejam vistas e tratadas como "sujeitas epistêmicas" (RAYARA, 2023, p. 160). Essa invisibilização da produção

intelectual gera um apagamento da própria identidade acadêmica, fazendo com que a identificação tardia de AH/SD seja, muitas vezes, um processo de redescoberta de si mesma e de rompimento com os padrões eurocêntricos que até então moldaram suas concepções de inteligência.

Estudos de Frantz Fanon, especialmente em sua obra "Pele Negra, Máscaras Brancas" (1952), problematizam as imposições dos padrões eurocêntricos na construção do saber e da identidade, demonstrando como essas normativas coloniais marginalizam outras formas de conhecimento e experiência. Especificamente no campo da inteligência, a crítica ao eurocentrismo passa pelo questionamento de modelos de inteligência baseados apenas no desempenho acadêmico e no Quociente de Inteligência (QI), que excluem saberes locais, culturais, científicos, artísticos e experiências subjetivas.

Na saída do Ensino Médio baseei minhas primeiras escolhas profissionais em interesses acadêmicos que estavam associados ao sucesso financeiro. No meu primeiro contato com a Universidade, optei pelo curso de Engenharia de Produção, um espaço em que o referencial de sucesso na carreira está predominantemente atrelado a homens brancos. Embora esse perfil não fosse explicitamente evidente no corpo docente, estava implícito em todo plano de ensino do curso, o que reforça o conceito de epistemicídio. Epistemicídio refere-se à destruição sistemática e à marginalização do conhecimento produzido por grupos não dominantes, especialmente aqueles pertencentes a comunidades historicamente oprimidas (Carneiro, 2005). O conceito de epistemicídio, segundo Sueli Carneiro (2005), refere-se ao apagamento e à marginalização dos saberes de grupos oprimidos, especialmente os negros, por meio da imposição de uma racionalidade eurocêntrica. Esse processo desqualifica as formas de conhecimento produzidas fora dos padrões ocidentais, negando a diversidade epistêmica e cultural. Carneiro aponta que essa exclusão é uma forma de perpetuar as relações de poder coloniais e garantir a hegemonia das elites, o que requer resistência e valorização dos saberes subalternizados.

Dessa forma, foi extremamente difícil aceitar e reconhecer a inteligência que me foi atribuída, o que colocou em xeque toda a minha concepção de inteligência construída ao longo da vida. Durante o processo de identificação, revisei muitos momentos da minha trajetória pessoal e escolar. Lembro-me de inúmeras ocasiões em que a presença de minha mãe e meu pai era solicitada na escola para advertências

sobre meu comportamento em sala de aula, e que depois soube serem características de AH/SD. Exemplos disso foram quando a rapidez de pensamento ou a habilidade de fazer conexões soava como impaciência, ausência de coletividade, por não esperar o processo de aprendizagem de colegas e entregar as respostas para a turma, ou a alto senso de justiça, o que me fazia criar inúmeros conflitos entre colegas e professores e professoras.

A minha criatividade sempre era vista como dispersão do assunto tratado em sala de aula. Até mesmo a minha necessidade de autonomia era tachada como desobediência e dificuldade de me encaixar as regras. Todavia, nas aulas de ciências humanas, eu aprendia o conteúdo de maneira muito rápida e desenvolvia várias formas de me manter entretida, o que gerava conversas paralelas sobre o conteúdo ensinado, leituras, rabiscos e anotações em diários. Entre as memórias mais dolorosas, há uma cena em que minha professora de História, no sexto ano, expõe uma ocorrência registrada no livro da turma em uma reunião com responsáveis, afirmando que eu fazia as atividades rapidamente porque era uma "fofoqueira" e precisava conversar com minhas amigas. Outra lembrança marcante é quando minha professora de Língua Portuguesa, no oitavo ano, zerou minha prova de leitura porque terminei em menos da metade do tempo estimado, concluindo que eu só poderia ter "colado". O conhecimento sobre a presença das AH/SD poderia ter sido determinante para uma melhor compreensão do meu comportamento, para reforçar minhas potencialidades e, inclusive, para reconhecer os momentos em que as Altas Habilidades na área de Linguagens se manifestaram de forma evidente.

Ao longo desse processo de identificação, questionei o quanto o conhecimento sobre essas habilidades poderia ter transformado minha trajetória e como essa informação impactaria minha vida a partir daquele momento. Os referenciais de inteligência que me foram apresentados, em sua maioria, estavam centrados em homens brancos. Até então, não tinha contato com pessoas que tivessem passado por testes de avaliação de inteligência. Minha trajetória educacional se deu inteiramente em escolas públicas que não ofereciam suporte específico para estudantes com AH/SD. Somente após ser identificada, compreendi as dificuldades que enfrentava como uma menina superdotada, as quais são frequentemente relacionadas à invisibilidade e à ausência de reconhecimento de suas capacidades no contexto educacional (BEZERRA,2015). Além disso, essa falta de reconhecimento institucional gerou também estranhamento em minha família, que questionou a

validade do diagnóstico de superdotação, reforçando a percepção equivocada acerca de minhas habilidades e do que é inteligência.

E assim, convivi com a avaliação positiva para superdotação, mas sem nenhum conhecimento aprofundado a respeito. Após o processo de transição de carreira, decidi pela área da Educação. Durante minha trajetória universitária na Pedagogia, tive contato com a disciplina optativa sobre AH/SD e, pela primeira vez, pude aprender com alguém que produzia conteúdo e material acadêmico acerca da temática.

O reconhecimento e a valorização das AH/SD têm ganhado crescente atenção no campo educacional e acadêmico. No entanto, quando a análise interseccional se dá, especificamente em relação às mulheres, ainda há uma falha significativa no que diz respeito ao entendimento, ao processo de identificação e à abordagem dessas características. A superdotação em mulheres é frequentemente subdiagnosticada e subvalorizada devido ao sexismo e ao racismo, que interseccionados, produzem opressões, que invisibilizam e não reconhecem as altas habilidades, tanto que influenciam o desenvolvimento de suas habilidades ao longo da vida.

Neste contexto, surge a necessidade de uma análise mais detalhada e específica sobre como as mulheres com altas habilidades são pesquisadas na literatura acadêmica. É fundamental questionar se a produção científica tem problematizado a questão das AH/SD em mulheres, reconhecendo as particularidades que envolvem esse grupo. A revisão de artigos publicados em revistas acadêmicas revisadas por pares no portal de periódicos da CAPES pode fornecer valiosos sobre a maneira como esse tema é tratado e se ele tem sido abordado de forma crítica e inclusiva.

Para aprofundar essa investigação, são definidos como objetivos secundários traçar o perfil das mulheres com AH/SD, apresentados nesses artigos, levando em conta os marcadores sociais da diferença como raça/cor, idade, sexualidade, maternidade, e informações sobre a escolaridade e trajetória profissional. Além disso, pretende-se investigar se as pesquisas localizadas analisam como foi o processo de identificação dessas mulheres, verificando em quais condições esse reconhecimento ocorreu e o que o motivou. Finalmente, a pesquisa visa identificar se esses trabalhos mencionam as trajetórias acadêmicas dessas alunas, analisando se, em algum

momento, as características de AH/SD foram percebidas e potencializadas na vida escolar ou universitária.

A importância desta pesquisa encontra-se na necessidade de ampliar o entendimento sobre as trajetórias das mulheres com AH/SD. Com essa pesquisa, espera-se contribuir produzindo referencial teórico para a construção de práticas educacionais mais equitativas e inclusivas, que reconheçam e valorizem as diferenças de gênero interseccionadas a raça na superdotação. A análise crítica dos artigos acadêmicos permitirá identificar possíveis lacunas na literatura existente e apontar direções para futuras pesquisas, promovendo um debate mais amplo e fundamentado sobre o tema.

2 REVISÃO DE LITERATURA - ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CONCEITUAÇÃO, HISTÓRICO E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

As Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) são condições complexas que envolvem múltiplas dimensões, incluindo capacidade cognitiva, criatividade e habilidades excepcionais em áreas específicas. No campo da Educação Especial, o termo Altas Habilidades, refere-se a indivíduos que demonstram potencial elevado em relação a seus pares em áreas como raciocínio lógico, liderança, talento acadêmico ou artístico (Bezerra, 2007).

Entender as AH/SD no contexto educacional brasileiro vai além dos modelos tradicionais que medem a inteligência de forma rígida e classificatória, como os propostos pelos testes de inteligência. Em vez de tratar todas as habilidades como se fossem iguais e hierarquizar os talentos, é importante reconhecer que o potencial humano se manifesta de formas diversas e influenciadas pela cultura. Assim, precisamos adotar uma abordagem mais aberta e sensível que valorize essas diferentes formas de capacidade e se ajuste às realidades culturais dos alunos e alunas. Neste capítulo, discuto a definição e justificativa da nomenclatura "AH/SD" com base nas pesquisas de Laura Ceretta Moreira (2017), nas leis, diretrizes, normativas e instrução que definem e estruturam o trabalho com AH/SD nos níveis e etapas de escolarização. Em seguida, exploro a conceituação das Altas Habilidades e seu histórico, baseado nas contribuições teóricas de Suzana Graciela Perez Bezerra (2007,2012,2015,2018) e Soraia Napoleão Ferreira (2017), exponho o histórico da construção das noções de inteligência contemporânea segundo Joseph S. Renzulli (1986) com a Teoria dos três anéis e Howard Earl Gardner (1994), que desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas. Por fim, apresento os dados mais recentes do Ministério da Educação (MEC) sobre AH/SD e as orientações sobre os processos de identificação no Brasil e no estado do Paraná.

2.1 Definição da terminologia ah/sd nos documentos que normatizam e estruturam o trabalho com ah/sd na educação brasileira

A terminologia utilizada para descrever indivíduos com AH/SD reflete, em grande medida, as tensões históricas e epistemológicas em torno da categorização desses sujeitos. No Brasil, os documentos que normatizam o direito à educação, como

a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL,1994) e e as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial (BRASIL, 2009), adotam o termo "Altas Habilidades/Superdotação". A escolha dessa nomenclatura não é apenas um ato técnico, mas também carrega significados sociais e políticos importantes.

Laura Ceretta Moreira (2017) argumenta que a adoção da terminologia AH/SD responde a um processo de crítica às concepções reducionistas e exclusivistas da superdotação. Segundo ela, a nomenclatura superdotação tende a remeter a uma ideia de excepcionalidade quase inata, frequentemente associada à herança genética e ao desempenho acadêmico elevado em áreas específicas. Em contrapartida, Moreira nos explica que Altas Habilidades abrange uma visão mais plural e democrática das capacidades humanas, considerando que o potencial pode se manifestar em diferentes domínios e em diferentes contextos. A inclusão da barra (/) entre Altas Habilidades e Superdotação sugere um movimento de transição entre essas duas concepções, reconhecendo tanto a herança elitista do termo superdotado quanto a necessidade de superá-la.

Nesse trabalho, a escolha pela terminologia AH/SD está em consonância com as perspectivas acima citadas. É justificada pela sua capacidade de englobar um conjunto mais amplo de expressões de talento, que não se limitam a desempenhos acadêmicos ou a indivíduos de grupos sociais privilegiados. Como Moreira (2017) ressalta, essa mudança terminológica é, antes de tudo, um gesto de inclusão e reconhecimento da diversidade de trajetórias, perfis e potencialidades presentes no contexto educacional brasileiro.

2.2 Conceito e histórico das altas habilidades

Antes da Teoria dos Três Anéis, desenvolvida por Joseph Renzulli (1986), a compreensão das AH/SD era predominantemente limitada a uma visão centrada no Quociente de Inteligência (QI). Nesse modelo clássico, a superdotação era entendida como um traço linear, quantificado a partir de testes padronizados que mediam capacidades cognitivas. Essa abordagem psicométrica, popular no início do século XX, focava exclusivamente em resultados acadêmicos e habilidades lógicas, ignorando outros aspectos do potencial humano, como criatividade, motivação e contexto social. Assim, o conceito de superdotação era restrito, beneficiando apenas

indivíduos que correspondiam a critérios específicos de desempenho intelectual (Renzulli, 1986).

A Teoria dos Três Anéis, proposta por Renzulli nos anos 1970, revolucionou essa concepção ao propor que a superdotação não é uma característica inata e fixa, mas uma interação entre três fatores principais: habilidade acima da média, criatividade e envolvimento com a tarefa. Uma pessoa com altas habilidades não precisa necessariamente apresentar um QI elevado medido pelos testes (Renzulli, 1986), mas sim demonstrar a combinação desses três elementos em situações específicas. A criatividade representa a capacidade de gerar ideias inovadoras, enquanto o envolvimento com a tarefa reflete o nível de dedicação e interesse em um determinado assunto. Com essa teoria, o foco se expandiu para incluir o espaço e o papel da motivação no desenvolvimento do potencial de uma pessoa, oferecendo uma visão mais inclusiva das AH/SD.

Complementando essa nova abordagem, A Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner (1994), também ampliou a visão tradicional das capacidades humanas, sugerindo que há diversos tipos de inteligência além da lógica e linguística, como a inteligência musical, espacial, corporal-cinestésica e interpessoal (Gardner, 1994). Ao considerar esses diferentes tipos de inteligência, a teoria de Gardner, em conjunto com a de Renzulli, desafiou o modelo unidimensional de superdotação, permitindo que talentos diversos fossem reconhecidos em diferentes contextos. Dessa forma, ambas as teorias contribuíram para uma visão mais complexa e contextualizada das Altas Habilidades, que reconhece a multiplicidade de formas de manifestação da superdotação e a importância do ambiente no desenvolvimento de tais habilidades.

As Altas Habilidades/Superdotação não podem ser reduzidas a uma definição única e rígida. De acordo com Suzana Graciela Perez Bezerra (2007), essas características envolvem um conjunto dinâmico de capacidades cognitivas, criativas e emocionais que se manifestam de formas diversas e em contextos variados. Destaca ainda que, historicamente, a superdotação foi vista como uma exceção rara, limitada a aspectos acadêmicos ou de alta performance em áreas restritas, como Matemática e Ciências. Esse modelo tradicional, que embasou as primeiras políticas de identificação de superdotados, era amplamente sustentado por teorias psicométricas que enfatizavam a mensuração de QI.

No entanto, Bezerra (2007) argumenta que essa visão limitada e elitista começou a ser questionada a partir dos avanços em teorias de inteligências múltiplas e da cognição distribuída, que colocam em xeque a ideia de uma inteligência unidimensional e fixa. Para a autora, é fundamental reconhecer que as Altas Habilidades podem se manifestar de maneiras múltiplas e muitas vezes invisibilizadas por parâmetros convencionais de mensuração. Isso inclui habilidades criativas, lideranças, resolução de problemas complexos e talentos artísticos, que precisam de contextos adequados para emergir e serem reconhecidos.

Soraia Napoleão Ferreira (2015), por sua vez, destaca a importância de incluir as dimensões culturais, sociais e étnico-raciais no estudo das Altas Habilidades. Argumenta que os padrões de identificação, em grande parte, foram construídos sobre uma normatividade branca e de classe média, excluindo, assim, manifestações de altas habilidades que surgem em grupos marginalizados. Segundo a autora, a percepção do potencial em pessoas negras, indígenas ou de classes populares muitas vezes é obscurecida por preconceitos e estereótipos, que minimizam ou distorcem suas expressões de inteligência. Segundo ela, a desconstrução desses estereótipos e a ampliação das ferramentas de identificação são passos essenciais para uma educação inclusiva.

2.3 Histórico do marco legal das altas habilidades/superdotação no âmbito educacional no Brasil

A construção do marco legal referente às AH/SD no Brasil reflete uma trajetória marcada por disputas epistemológicas e políticas no campo educacional. Essas disputas envolvem a concepção de talento e potencial humano, destacando a necessidade de uma abordagem inclusiva que reconheça a pluralidade das manifestações de capacidades (PEREZ BEZERRA; FERREIRA, 2013).

O reconhecimento das AH/SD no Brasil começa a ganhar proporções formais na década de 1970, com a instituição da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 5.692/1971), que menciona a necessidade de atendimento especial para estudantes "excepcionais". Mas, o foco principal dessa lei estava em estudantes com deficiências, colocando discentes com AH/SD em uma posição periférica dentro das políticas públicas. A concepção de "excepcionalidade" presente

nesse período era dominada por uma visão psicométrica e limitada, em que a superdotação era interpretada principalmente por meio de testes de QI.

A promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) foi um marco crucial para a educação especial no Brasil, porque incluiu especificamente as AH/SD como uma modalidade da Educação Especial. Diferente da versão anterior de 1970, essa LDBEN estabelece princípios fundamentais para a educação inclusiva no Brasil, reconhecendo o direito à educação como uma prerrogativa de todos os indivíduos, independentemente de suas condições pessoais. O artigo 205 reafirma que a educação é um direito de todos, garantindo que cada pessoa tenha acesso à formação necessária para o pleno desenvolvimento de suas capacidades. Além disso, o artigo 27 enfatiza a importância de promover uma educação que respeite e valorize a diversidade, assegurando que as práticas pedagógicas se adaptem às necessidades específicas de cada um. Este reconhecimento da pluralidade no contexto educacional é essencial para a construção de um ambiente inclusivo, onde todas as manifestações de habilidades e potenciais possam ser valorizadas.

Outro aspecto relevante da LDBEN é a previsão da educação especial, conforme disposto no artigo 58, que determina a inclusão de alunos e alunas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no sistema educacional regular. A legislação aponta para a necessidade de uma articulação entre a educação especial e a educação regular, promovendo a inclusão efetiva desses alunos e alunas nas salas de aula. Além disso, destaca a importância da formação contínua dos professores e professoras para atender a essa diversidade, assegurando que eles possuam as competências necessárias para lidar com as diferentes demandas do alunado (Brasil, 1996). Dessa forma, ela não apenas estabelece diretrizes, mas também fundamenta uma abordagem inclusiva que busca garantir equidade e qualidade na educação para todos e todas.

No entanto, a inclusão não é um ato neutro ou destituído de contradições. Embora a nova LDB represente um avanço significativo, a operacionalização dessas políticas tem sido limitada pela falta de clareza na definição dos critérios de identificação de alunos e alunas com AH/SD. Conforme aponta a pesquisa de Mello e Alves (2020), grande parte de estudantes com AH/SD ainda permanecem à margem de um sistema que, embora os reconheça formalmente, falha em proporcionar o atendimento adequado, resultando em um descompasso entre a legislação e a

realidade educacional. Esse cenário evidencia que a inclusão legalizada convive com a exclusão velada, em que essas necessidades não são efetivamente atendidas.

No início dos anos 2000, o Brasil deu um passo importante ao criar políticas específicas para os alunos e alunas identificados com AH/SD, atendendo ao que determinava a nova LDBEN. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) estabelece que "estudantes com Altas Habilidades/Superdotação são reconhecidos como parte do público-alvo da educação especial, que deve garantir o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes nas instituições de ensino" (BRASIL, 2008, p. 15). Esse movimento foi seguido pela criação dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) em diversos estados, com o objetivo de fomentar o atendimento especializado e a formação de redes de apoio para discentes.

A Diretriz Específica para o Atendimento de Estudantes com AH/SD de 2023, estabelece a criação dos Núcleos de Atendimento às Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), que visam promover a identificação e o desenvolvimento de estudantes com essas características em diferentes níveis de ensino. Os NAAH/S são concebidos como centros de atividades que oferecem suporte educacional e oportunidades de enriquecimento curricular, contribuindo para o pleno desenvolvimento das potencialidades de estudantes. De acordo com a diretriz, "os NAAH/S devem proporcionar experiências educativas diversificadas e adequadas, respeitando as singularidades de cada aluno e incentivando sua criatividade e autonomia" (BRASIL, 2023, p. 10).

No contexto do Ensino Superior, a diretriz também contempla os Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNEs), que têm a finalidade de garantir a inclusão e o atendimento adequado a estudantes com deficiência. Esses núcleos são essenciais para a formulação de estratégias que assegurem a sua permanência e a aprendizagem nas instituições de ensino superior, promovendo práticas pedagógicas que considerem suas necessidades específicas. Segundo a diretriz, "os NAPNEs são responsáveis por implementar ações que favoreçam um ambiente inclusivo, permitindo que discentes tenham igualdade de oportunidades no acesso e na formação acadêmica" (BRASIL, 2023, p. 8).

A Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, estabelece as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, na

modalidade Educação Especial, visando garantir a inclusão e a qualidade do atendimento a alunos e alunas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Essa resolução orienta que o Atendimento Educacional Especializado deve ser oferecido preferencialmente na rede regular de ensino, por meio de ações que promovam a articulação entre as diferentes esferas de atendimento, assegurando a formação continuada de profissionais envolvidos (Brasil, 2009, p.2). Com isso, essas normatizações buscam assegurar que todos e todas, independentemente de suas condições, tenham acesso a uma educação que respeite suas particularidades e potencialidades.

2.4 Dados sobre altas habilidades/superdotação na Educação Especial

Existe uma estimativa de que até 5% da população escolar pode apresentar AH/SD, que baseia-se em teorias e estudos internacionais e nacionais que ampliam a definição de superdotação para além do desempenho intelectual medido por testes de QI. Essas estimativas são respaldadas por estudos estatísticos que indicam que, globalmente, entre 3% e 5% de estudantes possuem características associadas a altas habilidades/superdotação, demonstrando a necessidade de políticas educacionais que reconheçam e desenvolvam esses talentos. Joseph Renzulli, com seu Modelo dos Três Anéis, defende que a superdotação envolve habilidades acima da média, criatividade e comprometimento com a tarefa, e propõe que aproximadamente 3% a 5% de estudantes podem ser identificados com superdotação (Renzulli, 1978). De forma semelhante, François Gagné, com o Modelo Diferenciado de Talento e Superdotação (MDGT), sugere que uma parte significativa de estudantes possui o potencial para desenvolver talentos, caso recebam as condições adequadas, estimando que entre 3% e 5% da população escolar exibe habilidades que podem ser classificadas como altas habilidades (Gagné, 1995).

No contexto brasileiro, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) está alinhada a esses percentuais, colocando de 3% a 5% da população escolar como referência para o público-alvo de AH/SD, sustentando-se em uma visão mais ampla e inclusiva de superdotação. A teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner também influencia essa perspectiva, ao considerar que a superdotação pode manifestar-se em várias formas de inteligência, como a musical, espacial e interpessoal, além das tradicionais lógicas

e linguísticas (Gardner, 1983). Essas estimativas são respaldadas por estudos estatísticos que indicam que, globalmente, entre 3% e 5% de alunos e alunas possuem características associadas a altas habilidades e superdotação, demonstrando a necessidade de políticas educacionais que reconheçam e desenvolvam esses talentos.

De acordo com o Censo Escolar 2023, o número de estudantes identificados com AH/SD é de apenas 38 mil, ao passo que, o total de matrículas na educação básica no Brasil, é de 47,4 milhões de estudantes. Em termos fracionários, isso corresponde a cerca de 0,8% do total de estudantes. Esse dado indica que, apesar dos esforços de identificação, o número de pessoas reconhecidas com AH/SD ainda está muito abaixo da estimativa de até 5% da população escolar, sugerindo a necessidade de aprimoramento nas políticas de identificação e atendimento especializado (Brasil, 2023). Esse cenário pode sugerir a insuficiência de políticas públicas, falta de formação especializada para profissionais da educação e até a ausência de programas sistemáticos de identificação em todas as regiões do país.

Nos últimos anos, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (SEMESP), tem implementado uma série de ações voltadas para a identificação e suporte das AH/SD. Essas iniciativas visam aprimorar o processo de identificação e oferecer atendimento educacional especializado, conforme preconizado pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008). Uma das principais medidas, por exemplo, é a expansão das Salas de Recursos Multifuncionais, que são equipadas com materiais pedagógicos e tecnológicos que auxiliam no desenvolvimento dos estudantes com AH/SD, oferecendo-lhes um Atendimento Educacional Especializado (AEE) que complementa o currículo escolar regular. Essa estratégia busca garantir que estudantes com altas habilidades/superdotação recebam um suporte adequado às suas necessidades e talentos, proporcionando um espaço inclusivo e de estímulo ao seu desenvolvimento.

Além disso, a SEMESP tem promovido programas de formação continuada para profissionais da educação, com o objetivo de capacitá-los na identificação e atendimento desses alunos e alunas. Esses programas de formação incluem cursos de especialização e oficinas pedagógicas, com enfoque em práticas pedagógicas diferenciadas para a educação de estudantes com AH/SD. Outra ação importante é o fortalecimento dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação

(NAAH/S), que atuam como centros de referência para o atendimento de estudantes, promovendo atividades e projetos que visam o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. No âmbito do ensino superior, os Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) oferecem suporte técnico e pedagógico para estudantes com AH/SD (Brasil, 2007). Essas iniciativas são fundamentais para a construção de uma educação inclusiva que reconheça e valorize a diversidade de talentos e habilidades na educação básica e superior.

2.5 Processos de identificação de altas habilidades no Brasil e no Paraná

De acordo com Bezerra (2018), a identificação de AH/SD no Brasil envolve um processo complexo que leva em consideração múltiplos fatores além do desempenho acadêmico tradicional. A autora destaca que, diferentemente de uma avaliação centrada exclusivamente em testes de QI, o processo de identificação no Brasil adota uma abordagem mais abrangente e inclusiva, alinhada com os princípios de uma educação voltada para a diversidade de talentos e potencialidades. Para a autora, a identificação de alunos com AH/SD é feita por meio assistência social, levando em consideração não apenas o desempenho acadêmico, mas também fatores emocionais, sociais, criativos e culturais.

A identificação começa com observações feitas por docentes em sala de aula, que detectam características associadas a AH/SD, como a facilidade de aprendizado, criatividade, liderança, ou interesse excepcional em áreas específicas do conhecimento. Posteriormente, essas observações são encaminhadas para equipes de apoio escolar, que realizam avaliações mais aprofundadas. O processo inclui a análise de portfólios, entrevistas com discentes e suas famílias, bem como testes que avaliam diversas áreas do conhecimento e habilidades, sempre respeitando a diversidade cultural e social. Esse modelo é importante porque se afasta de uma visão restrita e elitista da superdotação, reconhecendo a pluralidade das manifestações de talento, muitas vezes não percebidas em contextos educacionais tradicionais (Bezerra, 2018).

A Nota Técnica nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEE emitida pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) e pela Diretoria de Políticas de Educação Especial

(DPEE), serve como orientação para as políticas públicas de Educação Especial em todo o Brasil, incluindo a identificação e o atendimento de alunos e alunas com AH/SD em todas as redes de ensino do país (Brasil, 2014). Essa nota estabelece orientações específicas para a identificação e o atendimento no âmbito da Educação Especial.

O documento enfatiza a importância de um processo de identificação que considere tanto o desempenho acadêmico quanto as habilidades não acadêmicas, destacando a necessidade de uma abordagem inclusiva e contínua. Também sugere a utilização de múltiplos instrumentos de avaliação, tais como observações, relatórios e testes padronizados, para garantir que as diversas manifestações de altas habilidades sejam reconhecidas. O objetivo principal é assegurar que todas as pessoas identificadas tenham acesso a um ensino que atenda às suas necessidades individuais e favoreça o desenvolvimento pleno de suas potencialidades (Brasil, 2014).

Além disso, essa Nota Técnica reforça a importância da formação inicial e continuada de docentes no campo das Altas Habilidades/Superdotação. Para isso, ela recomenda que educadores recebam capacitação para reconhecer as diferentes expressões de talento e criatividade de discentes, propondo práticas pedagógicas inclusivas e adaptadas. Também é destacada a necessidade de uma colaboração entre a escola, a família e demais especialistas para criar um espaço educacional que estimule o desenvolvimento daqueles com AH/SD, garantindo que suas potencialidades sejam exploradas de forma plena e abrangente (Brasil, 2014)..

A diretriz mais recente que orienta a identificação de alunos e alunas com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) no Brasil é a Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2020. Essa resolução atualiza e complementa as diretrizes anteriores, estabelecendo orientações para a educação de AH/SD no âmbito da Educação Básica. Diz que, esse processo de identificação, deve ser um processo contínuo e multidimensional, considerando não apenas o desempenho acadêmico, mas também as características emocionais e sociais. A avaliação deve envolver múltiplos instrumentos, como testes padronizados, observações, relatórios de professores e autoavaliações dos alunos e alunas (Brasil, 2020).

A resolução enfatiza a importância da educação inclusiva, propondo práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as diferenças individuais, assegurando que tenham acesso a currículos diversificados e adequados. A formação inicial e continuada de profissionais de educação deve incluir conteúdos sobre AH/SD, proporcionando conhecimentos e habilidades para a identificação e o atendimento a

aos estudantes. Por fim, destaca a importância de um suporte psicopedagógico, visando atender suas necessidades específicas e promover seu desenvolvimento integral (BRASIL, 2020).

O estado do Paraná é uma região que tem avançado na implementação de políticas de identificação e atendimento a alunos com AH/SD. O seu Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) é um dos principais responsáveis pela coordenação dessas atividades, promovendo tanto a identificação quanto o acompanhamento de alunos e alunas. A identificação é formalizada por meio de diversos documentos legais e normativos que guiam o processo de reconhecimento e atendimento desses estudantes. Esses documentos estão alinhados com a legislação federal, mas incluem especificidades regionais. Abaixo faço uma breve apresentação dos documentos que formalizam esse processo:

A Resolução SEED nº 3979, de 20 de julho de 2022, estabelece diretrizes específicas para o atendimento educacional especializado a alunos e alunas com AH/SD no âmbito da rede estadual de ensino. Propõe um conjunto de ações para garantir o pleno desenvolvimento, com foco em uma educação inclusiva e adaptada às suas necessidades. Enfatiza a importância de uma identificação precoce e contínua de estudantes com AH/SD, utilizando critérios diversificados que consideram não apenas o desempenho acadêmico, mas também aspectos criativos, artísticos e socioemocionais.

Além disso, propõe a implementação de práticas pedagógicas diferenciadas e a adaptação curricular, visando oferecer desafios que estimulem o potencial dos alunos e das alunas com AH/SD e destaca a necessidade de formação contínua de profissionais da educação para que sejam capazes de realizar a identificação e o atendimento. Também incentiva a criação de parcerias com outras instituições e a participação de especialistas no processo de avaliação e acompanhamento. A resolução reforça a obrigatoriedade do acompanhamento regular, garantindo que as estratégias educacionais sejam revisadas e ajustadas de acordo com o desenvolvimento individual de cada um deles (Paraná, 2022).

A Instrução Normativa nº 003/2024 – DEDUC/SEED tem como objetivo regulamentar as diretrizes para a identificação, atendimento e acompanhamento de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) no sistema estadual de ensino. Emitida pela Diretoria de Educação (DEDUC) da Secretaria de Estado da Educação (SEED), o documento estabelece normas que orientam as unidades

escolares na adoção de práticas pedagógicas inclusivas, garantindo que estudantes com AH/SD tenham acesso a currículos adaptados e atividades educacionais desafiadoras. A instrução enfatiza a importância de um processo contínuo e multidisciplinar de identificação, que abrange aspectos cognitivos, emocionais e sociais, promovendo uma visão ampla das diversas manifestações das altas habilidades. Além disso, essa instrução destaca a necessidade de formação específica para profissionais da educação, visando promover a capacitação para o reconhecimento, atendimento e incentivar o desenvolvimento de parcerias entre escolas, universidades e centros especializados, com o intuito de ampliar o suporte oferecido aos alunos. Por fim, reforça a obrigatoriedade do acompanhamento constante do progresso do atendimento, com avaliações periódicas que possibilitem ajustes nas estratégias pedagógicas e assegurem o desenvolvimento pleno de suas potencialidades (Paraná, 2024).

Os protocolos de identificação no estado do Paraná foram desenvolvidos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR) (2024), em parceria com equipes técnicas especializadas em Educação Especial. Esses protocolos foram elaborados para auxiliar as escolas no processo de identificação e atendimento de estudantes com AH/SD, respeitando as diretrizes nacionais e buscando adaptar as metodologias ao contexto local. Eles são compostos por diversas etapas que visam garantir um processo sistemático (Paraná, 2024).

A primeira etapa é a triagem inicial, que envolve a observação do comportamento e do desempenho acadêmico de discentes em sala de aula. Professores são incentivados a identificar sinais de altas habilidades, como curiosidade intensa, facilidade em aprender novos conteúdos e criatividade. Além disso, os relatos de pais e outros educadores são considerados para enriquecer a compreensão sobre o potencial dos alunos e alunas (Paraná, 2024).

Após a triagem, é realizada a aplicação de instrumentos de avaliação, que incluem testes padronizados, como o Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC), ou, comumente conhecido como "teste de QI". O WISC é um teste que avalia múltiplas dimensões cognitivas e deve ser administrado exclusivamente por profissionais da psicologia, que possuem a formação necessária para interpretar os resultados de maneira correta e contextualizada. Essas equipes de profissionais garante que a aplicação do teste seja feita em condições apropriadas e que as variáveis emocionais

e comportamentais do aluno sejam levadas em consideração durante a avaliação (Napoleão, 2016).

Além disso, é crucial complementar essa avaliação quantitativa com abordagens qualitativas, como entrevistas, protocolos e questionários, que investiguem áreas de interesse e talento do estudante e da estudante. Isso permite uma visão mais completa do perfil, garantindo que tanto as capacidades cognitivas quanto os interesses pessoais sejam devidamente reconhecidos e apoiados (Pérez Bezerra; Ferreira, 2018).

A partir dessas etapas, realiza-se uma análise multidimensional, que considera não apenas o desempenho acadêmico, mas também fatores emocionais e sociais que podem influenciar a manifestação das altas habilidades. O contexto familiar e cultural também é avaliado, buscando uma compreensão mais completa de seu potencial.

Para garantir a funcionalidade do processo, é fundamental a formação de equipes multidisciplinares. Essas equipes são compostas por educadores, profissionais da psicologia, assistentes sociais e outras especialidades que possam colaborar na análise desses discentes. As equipes realizam reuniões regulares para discutir casos e ajustar estratégias de intervenção pedagógica, assegurando um atendimento mais completo e adequado caso a caso.

As pessoas identificadas são registradas em um banco de dados da Secretaria de Educação do Paraná, o que possibilita o acompanhamento de suas trajetórias escolares e evolução ao longo do tempo. Avaliações contínuas são realizadas para monitorar o progresso dos alunos e ajustar as intervenções pedagógicas conforme necessário.

Por fim, a elaboração de planos de intervenção é uma etapa crucial no processo de identificação. Esses planos são individualizados, visando atender às necessidades específicas e potencializar suas habilidades e talentos. A implementação dos planos é acompanhada e sua eficácia é avaliada ao longo do tempo (Paraná, 2024).

Na construção desta pesquisa, havia uma intenção de análise dos protocolos de identificação de AH/SD. No entanto, durante o levantamento de informações, foi possível constatar que não há uma padronização nacional para esses protocolos no Brasil. No estado do Paraná, a divulgação dos protocolos de identificação de AH/SD é restrita aos avaliadores autorizados, o que torna o acesso a esses documentos limitado para outras partes interessadas, como pesquisadores.

A solicitação formal desses protocolos foi realizada no decorrer deste trabalho, com o intuito de verificar os quesitos avaliados no processo de identificação, especialmente com o propósito de analisar se há viés de raça ou gênero nesses critérios. Contudo, devido à política de confidencialidade vigente, não foi possível obtê-los. Por um lado, esse controle rigoroso sobre os protocolos visa garantir que apenas profissionais devidamente capacitados possam utilizá-los, evitando possíveis distorções ou interpretações incorretas que poderiam comprometer a identificação dos estudantes com AH/SD. Por outro lado, essa restrição impõe barreiras para que pesquisas interseccionais possam problematizar esses instrumentos, o que poderia contribuir para verificar a existência de possíveis vieses implícitos nos processos avaliativos.

Como forma complementar no processo de identificação, também são utilizados questionários presentes no Manual de Educação de Altas Habilidades/Superdotação de Susana Graciela Perez Bezerra Pirez e Soraia Napoleão Freitas (2012). Esses questionários são aplicados junto aos alunos e alunas, responsáveis e professores e professoras, com o intuito de captar percepções diversas sobre o processo de identificação e acompanhamento educacional. Cabe destacar que esse material não se restringe ao estado do Paraná, sendo empregado em outros estados brasileiros como parte integrante do processo de reconhecimento de AH/SD.

3 ANÁLISE INTERSECCIONACIONAL DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO COM FOCO EM GÊNERO E RAÇA

A análise interseccional nos ajuda a entender melhor as barreiras enfrentadas por mulheres negras com Altas Habilidades/Superdotação, que lidam com opressões múltiplas relacionadas tanto ao gênero quanto à raça e a idade. Ao reconhecer como esses marcadores sociais influenciam as experiências e trajetórias dessas mulheres, é possível questionar e ampliar as visões limitadas que prevalecem sobre a superdotação, que muitas vezes ignoram a diversidade de quem apresenta essas habilidades. A partir dessa perspectiva, buscamos compreender melhor como se produz a norma para a pessoas com AH/SD e como as mulheres adultas são afastadas.

Este capítulo tem como objetivo analisar as Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) a partir de uma perspectiva interseccional, com especial atenção aos marcadores gênero e raça. Sendo assim, procura-se entender como essas dimensões influenciam os processos de identificação e atendimento a alunas superdotados em diferentes contextos.

Para entender de forma mais abrangente como gênero e raça interagem no contexto das AH/SD, faz-se necessário adotar a perspectiva da interseccionalidade, um conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), que destaca que as opressões de raça, gênero e classe não podem ser analisadas isoladamente, pois essas dimensões se sobrepõem e se interligam de maneiras que criam experiências únicas de discriminação e privilégio.

Quando tratamos da mulher negra, estamos nos referindo a dois elementos estruturantes das hierarquias sociais que atravessam esses corpos: o gênero e a raça. Esses dois aspectos são fundamentais para entender as dinâmicas de opressão e exclusão que enfrentam em diferentes esferas da sociedade. Portanto, analisar a mulher negra com AH/SD requer uma abordagem interseccional, pois esses elementos operam de maneira complexa e simultânea na produção e manutenção das desigualdades.

A partir da década de 1990, houve um aumento significativo nos estudos relacionados às mulheres, refletindo o crescimento dos movimentos feministas e acadêmicos que questionavam as desigualdades de gênero. Nesse período, o conceito de gênero começou a ser utilizado em detrimento do termo sexo, que estava

mais associado a uma visão biológica, centrada na distinção entre macho e fêmea (SCOTT, 1995). O conceito de gênero, por sua vez, foi adotado para descrever a construção social dos papéis e identidades de homens e mulheres, permitindo uma análise mais aprofundada das relações de poder que regulam essas posições. Esse deslocamento foi essencial para superar o reducionismo biológico que predominava até então.

Contudo, é importante ressaltar que a disputa em torno do conceito de gênero não se esgota na sua diferenciação do sexo biológico. Ao contrário, como argumenta a pesquisadora Letícia Carolina do Nascimento (2021, p. 26), "[...] ainda circundam discursos bioessencialistas que buscam condicionar o gênero aos aspectos anatômicos de diferenciação sexual". Esses discursos continuam presentes em muitas esferas da sociedade, tentando vincular o gênero diretamente a características biológicas, como se a experiência de ser mulher fosse exclusivamente determinada por fatores anatômicos. Essa perspectiva bioessencialista limita a compreensão das múltiplas formas de vivenciar o gênero, especialmente no caso de mulheres que desafiam essas normas, como as mulheres transexuais e travestis.

Letícia Carolina Nascimento propõe uma abordagem mais ampla e crítica do conceito de gênero, desnaturalizando-o e vinculando-o a dimensões históricas, políticas e epistemológicas. Argumenta que "[...] ao engendrar esforços em fomentar a discussão sobre gênero por meio de alguns desdobramentos históricos, políticos e epistemológicos, procuro evidenciar a necessidade constante de desnaturalização dessa categoria" (NASCIMENTO, 2021, p. 26). Nesse sentido, o gênero deve ser compreendido como uma categoria fluida, em disputa, que abarca uma multiplicidade de experiências e identidades, rompendo com a visão normativa que restringe o feminino e o masculino a padrões rígidos e fixos.

Quando se fala de mulheres negras, essa desnaturalização é ainda mais urgente. As experiências das mulheres negras não podem ser adequadamente compreendidas sem levar em consideração a interseção entre gênero e raça. Historicamente, essas mulheres foram excluídas tanto das discussões sobre feminilidade quanto das análises raciais, ficando à margem dos discursos dominantes. Portanto, é preciso reconhecer que a mulher negra enfrenta múltiplas esquemas de opressão, sendo desafiada não apenas pelas expectativas de gênero, mas também pelos estigmas raciais que a posicionam em um lugar de subordinação na sociedade.

O conceito de raça, segundo Sueli Carneiro, não pode ser entendido apenas como uma construção biológica, mas deve ser analisado como um fenômeno social e político que exerce profundo impacto sobre as relações de poder (CARNEIRO, 2005). Para Carneiro, a raça é um dos principais marcadores de desigualdade no Brasil, sendo fundamental na estruturação das hierarquias sociais. Ela argumenta que "o racismo é um sistema de opressão que perpassa a economia, a política e a cultura, configurando-se como um dos principais pilares de manutenção da desigualdade social" (Carneiro, 2005, p. 79). Nesse sentido, a raça funciona como um dispositivo que legitima a marginalização de corpos negros, naturalizando a exclusão e a violência racial. Para ela, o racismo não é apenas uma questão de atitudes individuais, mas um mecanismo institucional que perpetua a exclusão racial. Ela explica que "a discriminação racial se consolida por meio de processos estruturais, sendo reproduzida pelas instituições públicas e privadas, e reforçada pelas políticas sociais e econômicas" (Carneiro, 2005, p. 82). Assim, para a autora o racismo estrutural está enraizado nas instituições e práticas sociais, e perpetua a subordinação da população negra, criando barreiras invisíveis que dificultam o acesso à cidadania plena.

Um dos efeitos do racismo estrutural é o epistemicídio que, dentre outras coisas, se caracteriza pela invisibilização das contribuições científicas, culturais e artísticas da população negra na construção da sociedade brasileira. Ao abordar a questão racial de forma interseccional, Carneiro (2005) destaca como raça, classe e gênero se entrelaçam na manutenção das desigualdades. Para a autora, "a luta antirracista deve considerar essas intersecções, uma vez que as mulheres negras, por exemplo, estão na base da pirâmide social, sofrendo com o racismo, o sexismo e a pobreza" (Carneiro, 2005, p. 85). A partir dessa perspectiva, ela nos desafia a repensar as estruturas de poder que continuam a reproduzir o racismo e a exclusão de corpos racializados no campo das AH/SD.

Outra feminista negra que nos ajuda a problematizar o conceito de gênero numa perspectiva interseccional é Patrícia Hill Collins (2016). Para ela, gênero deve ser entendido em sua relação com outros marcadores sociais como raça, classe e sexualidade. A autora destaca que as experiências de opressão vividas pelas mulheres negras, por exemplo, são distintas das vividas por mulheres brancas. Ela afirma que "a interseccionalidade de gênero e raça gera formas únicas de opressão que são invisibilizadas quando o gênero é tratado de forma isolada" (Collins, 2016, p. 44). Assim, propõe um olhar interseccional que reconheça como as relações de poder

moldam e estruturam as experiências de gênero de forma diversa, sendo importante para analisar o processo de identificação e as trajetórias das mulheres com AH/SD.

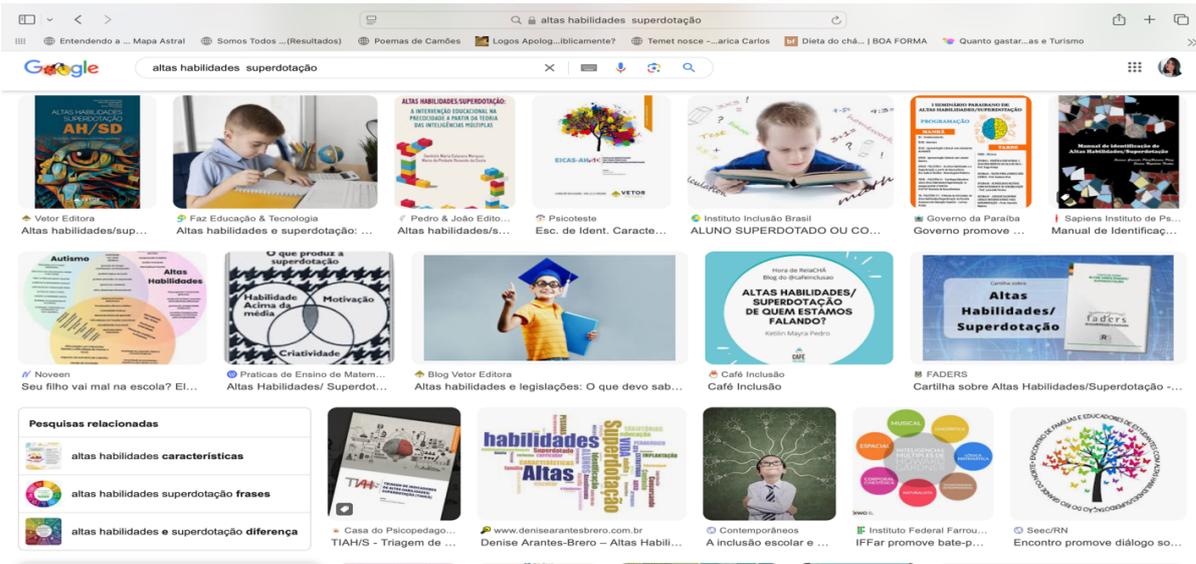
Além disso, ela questiona a maneira como o feminismo tradicional tem falhado em incluir em suas pautas, as perspectivas de mulheres negras e de outros grupos marginalizados. Argumenta que o feminismo hegemônico historicamente priorizou as experiências de mulheres brancas de classe média, deixando de lado questões cruciais relacionadas à raça e à classe. Para ela, "as experiências de mulheres negras desafiam as suposições hegemônicas do feminismo tradicional, uma vez que elas lidam simultaneamente com o racismo, o sexismo e as opressões de classe" (Collins, 2016, p. 51). Desse modo, para analisar essas opressões, é necessário um feminismo que seja capaz de compreender e enfrentar as suas múltiplas formas de que afetam as mulheres racializadas.

Ao incorporar a interseccionalidade em suas análises sobre gênero, Patrícia Hill Collins contribui para uma compreensão mais ampla e inclusiva das desigualdades de gênero. E defende que "o reconhecimento das múltiplas opressões possibilita uma análise mais complexa das relações de poder e uma luta mais eficaz contra as diversas formas de exclusão" (Collins, 2016, p. 63). Dessa forma, Collins propõe um feminismo interseccional, que não apenas reconheça, mas também valorize as diferentes experiências de opressão e resistência das mulheres, ampliando o escopo das lutas por justiça de gênero.

3.1 Os estereótipos das altas habilidades/ superdotação

A representação de pessoas com AH/SD é frequentemente marcada por estereótipos que refletem concepções históricas limitadas e enviesadas sobre inteligência. Ao se realizar uma simples busca no Google com o termo "altas habilidades/superdotação" (FIGURA 1), os resultados majoritariamente apresentam indivíduos que correspondem a um perfil específico: crianças brancas, que parecem ser de classe média ou alta, retratadas em contextos educacionais ou de atividades cognitivamente desafiadoras. Essa imagem estereotipada invisibiliza a diversidade existente entre pessoas com AH/SD e perpetua a exclusão de grupos historicamente marginalizados, como mulheres e pessoas negras.

FIGURA 1- BUSCA DE IMAGEM - BUSCADOR GOOGLE



FONTE: buscador google 2024

Historicamente, a inteligência tem sido concebida e associada a capacidades cognitivas que refletem ideais de masculinidade e branquitude. Teóricas contemporâneas como Patricia Hill Collins (2016) e Sueli Carneiro (2005) argumentam que essas ideias fazem parte de uma estrutura social que marginaliza as pessoas negras, e aqui mais especificamente as mulheres negras, ao associar a racionalidade e o pensamento lógico predominantemente a homens brancos. Collins (2016, p. 201) explica que "a estrutura de poder racializada e de gênero cria e reforça hierarquias de inteligência que privilegiam certos grupos sociais". Já Carneiro (2005, p. 117) ressalta que o racismo estrutural e epistêmico tem um papel fundamental ao "desvalorizar o saber e as habilidades intelectuais das mulheres negras, subestimando suas contribuições".

Essas hierarquias de inteligência são mantidas e reproduzidas por diversas instituições, incluindo o sistema educacional, que se baseia em critérios eurocêntricos e masculinos. Collins (2016, p. 203) afirma que "o sistema educacional é uma ferramenta crucial para a perpetuação de estereótipos sobre quem é considerado inteligente ou dotado", ressaltando como essas ideias são inculcadas nas mentes de docentes e discentes. A construção social da inteligência, portanto, reflete as desigualdades raciais e de gênero, colocando mulheres negras em uma posição de desvantagem em relação ao reconhecimento de suas capacidades intelectuais.

Essa visão hegemônica da inteligência, conforme aponta Sueli Carneiro (2005, p. 119), "naturaliza a exclusão de grupos historicamente marginalizados das

definições e práticas que constituem o saber legitimado". Teorias psicológicas e educacionais, ao longo da história, têm reiterado essa concepção limitada de inteligência, moldando tanto a compreensão acadêmica quanto a popular. Portanto, questionar essas hierarquias é essencial para repensar os processos de identificação de altas habilidades de maneira inclusiva, reconhecendo o potencial de mulheres e pessoas negras além dos padrões tradicionais.

Essa visão histórica contribuiu para a formação de estereótipos sobre quem pode ser considerado uma pessoa com AH/SD. As figuras associadas a essa categoria geralmente são retratadas como gênios solitários, frequentemente homens, que demonstram um talento natural em áreas como matemática, ciências ou música clássica. As literaturas e as mídias reforçam esses estereótipos, ignorando a multiplicidade de manifestações de altas habilidades, que podem se expressar em diversas áreas e não estão restritas a determinados grupos sociais ou étnicos.

A análise crítica desses estereótipos nos leva a questionar quem é reconhecido como tendo AH/SD e porque as alunas tendem a ser menos reconhecidas. Quando contrastamos essa representação estereotipada com a realidade do fracasso escolar, onde pessoas negras estão sobrerrepresentadas, o contraste é evidente (Raturniak,2023).

3.2 A ausência de dados oficiais: Desigualdade e invisibilidade

Uma questão importante para análise dos processos de identificação das AH/SD, tanto no Brasil quanto no cenário internacional, é a ausência de dados oficiais que contemplem a intersecção entre raça e gênero. Tal ausência não apenas dificulta o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas com viés de raça e gênero, mas também perpetua a invisibilidade das populações historicamente marginalizadas. A falta de dados é um reflexo de como a sociedade e as instituições educacionais ainda negligenciam as necessidades e o potencial de grupos que se encontram na intersecção de múltiplas formas de discriminação, como as mulheres negras.

Em termos de dados oficiais, não há registros sistematizados que permitam uma análise detalhada sobre mulheres negras com AH/SD. O censo escolar, por exemplo, fornece informações desagregadas, o que não viabiliza identificar essa população de forma específica, com dados sobre gênero e raça. Essa lacuna impede uma análise interseccional e a formulação de políticas públicas que possam atender

adequadamente às necessidades específicas dessas mulheres, perpetuando a sua invisibilidade no sistema educacional e na sociedade como um todo.

A ausência de dados oficiais sobre a identificação de mulheres e, em especial, de estudantes negras com AH/SD revela uma lacuna significativa nas políticas educacionais e no reconhecimento do potencial acadêmico dessas populações, resultado de uma combinação de fatores históricos, sociais e culturais que subestimam o potencial cognitivo de indivíduos fora do padrão branco e masculino. Essa invisibilidade estatística perpetua a ideia de que elas não existem, quando, na verdade, o que está em jogo é um sistema que não as reconhece adequadamente.

Bezerra e Napoleão enfatizam que a identificação de alunos com AH/SD no Brasil ainda está fortemente influenciada por estereótipos que associam essas características a grupos socialmente privilegiados. A ausência de dados específicos sobre mulheres negras é reflexo de uma estrutura educacional que "não leva em consideração as diferentes formas de expressão e os contextos sociais de alunas marginalizadas" (Bezerra; Napoleão, 2012, p. 45). A falta de critérios mais inclusivos e sensíveis à diversidade racial e de gênero no processo de identificação contribui para que essas alunas sejam sub-representadas nos programas voltados para a suplementação de estudos na área das altas habilidades.

Outro fator que contribui para essa invisibilidade é a carência de formação de profissionais da educação sobre relações étnico-raciais e de gênero. Conforme defendido por Bezerra, a formação necessária para identificar estudantes com AH/SD frequentemente desconsidera o impacto do racismo e do sexismo nas práticas pedagógicas. Dessa forma, "a invisibilidade de meninas negras nos processos de identificação reflete, em grande medida, as próprias limitações dos educadores em reconhecer potenciais que não se alinham aos estereótipos tradicionais de inteligência" (Bezerra, 2012, p. 53). A discussão sobre como docentes podem falhar em reconhecer talentos que não se encaixam nos padrões tradicionais é um ponto importante nessa análise, que acaba reproduzindo as desigualdades sociais e educacionais, ao mesmo tempo em que impede a implementação de políticas afirmativas que garantam a inclusão dessas alunas.

Embora existam dados sobre as características sociodemográficas de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) no Brasil, esses dados frequentemente não são acessíveis devido às restrições da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) impõe limites

rigorosos ao compartilhamento de informações sensíveis, como raça e gênero, o que afeta diretamente as pesquisas educacionais que visam identificar desigualdades e perfis diversos. Como observa Bruno Bioni, especialista em direito digital, “a LGPD restringe o uso de dados pessoais sensíveis, exigindo bases legais adequadas e medidas de segurança adicionais, que podem limitar o acesso a informações cruciais para a análise de questões sociais” (Bioni, 2020, p. 134). Dessa forma, a legislação traz desafios ao não permitir que os dados sejam utilizados sem comprometer a privacidade de titulares, exigindo métodos específicos de anonimização e o consentimento explícito para que possam ser acessados por pesquisadores e pesquisadoras.

O Censo da Educação Superior, conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), é uma importante ferramenta de análise das características do Ensino Superior no Brasil, oferecendo dados abrangentes sobre o perfil sociodemográfico de estudantes, incluindo gênero, raça/cor e faixa etária, além de informações sobre a infraestrutura das instituições, cursos, taxas de matrícula e conclusão. Entretanto, a ausência de dados específicos sobre estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) evidencia uma lacuna significativa, especialmente em um cenário em que a identificação e o apoio a essas alunas são essenciais para promover uma educação inclusiva e equitativa.

Essa falta de informações detalhadas sobre o perfil acadêmico de estudantes com AH/SD no Ensino Superior impossibilita uma análise aprofundada das suas trajetórias e dos desafios que enfrentam, o que impacta diretamente a formulação de políticas públicas voltadas para esse grupo. De modo geral, enquanto esse censo permite uma visão ampla sobre as desigualdades no acesso e permanência de diferentes grupos, como mulheres e população negra, no Ensino Superior, ele falha em não ter perguntas específicas que identifiquem estudantes com necessidades diferenciadas, as altas habilidades (INEP, 2022).

Por fim, a ausência de dados oficiais impede a criação de políticas públicas eficazes para a promoção da equidade nos programas de AH/SD. Sem uma visão precisa sobre quem são os alunos e as alunas identificadas, suas características sociais e raciais, e quais grupos estão sendo sistematicamente excluídos, o sistema educacional perpetua a desigualdade. Dessa forma, existe a necessidade urgente de desenvolver formas seguras e autorizadas para acessar esses dados, de modo que o

potencial de alunas sub-representadas, como mulheres negras, possa ser reconhecido e atendido em conformidade com suas necessidades específicas.

A análise interseccional é essencial para entender as dinâmicas que marcam a experiência de alunas com altas habilidades/superdotação. A ausência dessas informações evidencia como o sexismo e o racismo estruturais atuam para dificultar tanto a identificação quanto o acesso ao atendimento educacional especializado.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho utilizou como método a revisão integrativa, uma abordagem metodológica que permite a inclusão de estudos empíricos e teóricos para uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado. Esse tipo de revisão é amplamente utilizado nas ciências sociais e da saúde para integrar e analisar de forma sistemática os resultados de estudos relevantes (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A revisão integrativa foi escolhida por possibilitar uma síntese de múltiplos tipos de evidências, facilitando uma análise abrangente das Altas Habilidades/Superdotação em mulheres adultas, foco de nossa pesquisa.

Esse processo metodológico assegurou uma seleção rigorosa e fundamentada, garantindo que os artigos analisados fossem relevantes e para responder à pergunta de pesquisa do trabalho, proporcionando uma base sólida para a discussão teórica e observacional desenvolvida posteriormente.

A revisão seguiu cinco etapas principais: elaboração da pergunta de pesquisa, busca nas bases de dados, seleção dos estudos com base nos critérios de inclusão, avaliação dos artigos selecionados e análise e síntese dos resultados.

- 1. Elaboração da Pergunta Norteadora:** A pergunta de pesquisa que guiou este trabalho foi: Existem artigos revisados por pares sobre Altas Habilidades/Superdotação em mulheres adultas publicados no portal CAPES Periódicos? Essa pergunta foi essencial para delimitar os critérios de busca e seleção dos artigos, garantindo que o foco da revisão estivesse diretamente relacionado ao objetivo da pesquisa.
- 2. Busca na Literatura:** A busca de artigos foi realizada na plataforma CAPES-CAFE, que funciona como um sistema de autenticação remota, permitindo que usuários vinculados a instituições conveniadas com a CAPES (como discentes, docentes e pesquisadores e pesquisadoras) acessem a plataforma CAPES Periódicos e outras bases de dados científicos de qualquer local, e não apenas da rede física da instituição. Por meio do CAPES-CAFE foi possível utilizar combinações de descritores relacionados ao tema central, com o objetivo de localizar o maior número possível de trabalhos relevantes. Para isso, foi criada uma tabela de descritores (primários e secundários), combinando-os entre si

com o conector booleano AND. Os descritores primários definem o assunto principal da pesquisa, enquanto os secundários especificam características ou recortes adicionais que contextualizam melhor o foco do estudo. Nesse caso, bem como:

- **Descritores Primários:** Serviram como a base do tema central da pesquisa, definindo o assunto principal, que pode ser, por exemplo, "Altas Habilidades" ou "Superdotação".
- **Descritores Secundários:** Complementaram os primários, especificando detalhes sobre a população ou as características específicas do tema. Nesse caso, "Mulher", "Mulheres", "Gênero" e "Feminino" são descritores secundários que delimitam o foco de gênero no contexto de Altas Habilidades ou Superdotação. Eles ajudaram a filtrar e selecionar estudos que abordam o assunto central, mas com um olhar voltado para as mulheres, viabilizando a análise sob uma perspectiva de gênero.

TABELA 1- DESCRITORES PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS

Descritor Primário	Descritor secundário
AH/SD	Mulher
Alta Capacidade	Mulheres
AH	Gênero
Talento	Feminino
Superdotação	
Talentos	
Altamente Dotado	
Criatividade	
Altas habilidade/superdotação	
alta habilidade e superdotação	
alta habilidade ou superdotação	
altas habilidades	
altas capacidades	

Fonte: a autora, 2024.

3. Critérios de Inclusão e Exclusão: Para garantir a qualidade e relevância dos estudos selecionados, adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: 1) artigos revisados por pares; 2) trabalhos em língua portuguesa; 3) publicações que abordassem diretamente a temática das AH/SD em mulheres adultas. Os que não cumpriam esses critérios, foram excluídos. A pesquisa não teve

delimitação temporal, abrangendo trabalhos produzidos e publicados sem restrição de ano.

4. Análise dos Estudos Selecionados: A análise de seleção dos artigos seguiu uma ordem de triagem. O primeiro critério de análise foi eliminar artigos duplicados, ou seja, aqueles localizados pelo sistema em mais de uma combinação de descritores. O segundo critério envolveu a análise dos títulos dos artigos, mantendo apenas aqueles cujo título apresentasse ou sugerisse os critérios de inclusão. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos dos artigos selecionados, e apenas os que abordavam a temática proposta foram mantidos para a etapa seguinte. O processo finalizou-se com a aplicação do quarto critério: a leitura completa dos artigos que passaram pelas etapas anteriores. Nesse estágio, foram incluídos apenas os artigos que se relacionavam diretamente com a temática de altas habilidades/superdotação em mulheres adultas e que atendiam aos objetivos secundários da pesquisa, tais como analisar o perfil dessas mulheres, seus processos de identificação das AH/SD e suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

TABELA 2: LEVANTAMENTO ARTIGOS BASE DE DADOS: CAPES - Cafe

DESCRITORES	TOTAL	ANÁLISE1	ANÁLISE2	ANÁLISE3	ANÁLISE4
AH/SD and mulher	2	2	2	0	0
Ah/Sd and genero	5	5	4	2	0
AH/SD and feminino	3	3	2	2	0
AH/SD and mulheres	4	4	4	1	0
Alta capacidade and genero	77	42	0	0	0
Alta capacidade and feminino	81	23	0	0	0
Alta capacidade and mulher	9	8	4	1	0
Alta capacidade and mulheres	60	15	12	0	0
AH and genero	30	17	9	2	0
AH and feminino	21	20	17	2	0
AH and mulheres	12	12	8	1	0
AH and mulher	12	10	8	2	0

Talento and gênero	43	25	23	2	0
Talento and feminino	37	23	5	3	0
Talento and mulher	14	11	6	2	1
Talento and mulheres	24	11	11	1	1
Superdotação and gênero	17	17	17	2	0
Superdotação and feminino	9	9	9	1	0
Superdotação and mulher	3	3	1	1	0
Superdotação and mulheres	14	14	14	2	0
Altamente dotado and genero	0	0	0	0	0
Altamente dotado and feminino	0	0	0	0	0
Altamente dotado and mulher	0	0	0	0	0
Altamente dotado and mulheres	1	1	0	0	0
Criatividade and gênero	184	60	53	1	1
Criatividade and feminino	26	24	1	1	0
Criatividade and mulheres	90	42	3	0	0
Criatividade and mulher	28	6	1	1	0
Altas habilidades/ superdotacao and mulher	2	2	2	2	0
Altas habilidades/ superdotacao and mulheres	12	3	0	0	0
Altas habilidades/ superdotacao and genero	12	5	3	0	0
Altas habilidades/ superdotacao and feminino	7	2	2	0	0
Altas habilidades /superdotacao and mulher	2	2	2	2	0
Altas habilidades /superdotacao and mulheres	4	2	2	1	1
Altas habilidades/ superdotacao and genero	8	5	3	0	0
Altas habilidades /superdotacao and feminino	4	3	3	1	1
Altas habilidades e superdotacao and mulher	2	1	0	0	0
Altas habilidades e superdotacao and mulheres	12	1	0	0	0
Altas habilidades e superdotacao and genero	14	8	6	3	0
Altas habilidades e superdotacao and feminino	8	4	2	0	0
Altas habilidades and mulher	2	1	1	1	0
Altas habilidades and mulheres	20	15	15	2	1

Altas habilidades and genero	20	13	13	2	0
Altas habilidades and feminino	13	7	6	0	0
Altas capacidades and mulher	1	1	1	0	0
Altas capacidades and mulheres	25	24	23	1	0
Altas capacidades and genero	18	16	16	2	0
Altas capacidades and feminino	12	11	11	1	0
TOTAL	1004	533	325	48	6

Fonte: a autora, 2024

A partir da revisão realizada na plataforma CAPES-CAFE, evidenciou-se uma lacuna significativa na produção acadêmica sobre altas habilidades/superdotação em mulheres adultas. Apesar de inicialmente terem sido identificados mais de mil trabalhos relacionados ao tema geral de altas habilidades, apenas 48 artigos continham resumos que pareciam se alinhar à proposta desta pesquisa. No entanto, ao avançar para a leitura completa dos artigos, observou-se que apenas 6 desses estudos realmente abordavam a temática de altas habilidades em mulheres adultas. Essa escassez reforça a relevância de uma análise interseccional, visto que a maior parte das produções acadêmicas não contempla de forma direta os marcadores sociais da diferença e as trajetórias dessas mulheres.

A análise mais detalhada dos artigos revisados mostrou que a maioria das pesquisas se concentra em estudantes do Ensino Básico, geralmente com foco em meninas, enquanto o grupo de mulheres adultas com altas habilidades permanece pouco explorado. Além disso, muitos dos trabalhos encontrados, mesmo em revisões bibliográficas, abordavam a temática de altas habilidades de maneira ampla, sem uma análise específica do marcador social de gênero. Esse panorama aponta para uma predominância de pesquisas voltadas para o contexto escolar e infantil, desconsiderando o desenvolvimento das altas habilidades ao longo da vida e os desafios enfrentados por mulheres adultas com essas características.

5. Análise e Síntese dos Resultados: Após a leitura completa dos artigos, a fim de proporcionar uma análise mais profunda e direcionada, foram criadas três categorias específicas para a análise dos artigos:

- a primeira visou traçar o perfil das mulheres com AH/SD, considerando marcadores sociais como raça/cor, idade, sexualidade;
- a segunda buscou conhecer o processo de identificação, verificando a idade em que se deu, o processo de identificação e os fatores que o motivaram;
- a terceira focou em identificar as trajetórias escolar, acadêmica e profissional e a experiência da maternidade.

Essa sistematização permitiu uma análise crítica e coesa dos estudos selecionados, direcionando os resultados ao objetivo central da pesquisa.

A análise dos artigos, trazendo as principais contribuições para a nossa pesquisa, é apresentada no próximo capítulo.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS:

Este capítulo apresenta a análise dos artigos sobre mulheres adultas com altas habilidades/superdotação, analisando o perfil dessas mulheres, suas trajetórias acadêmicas, profissionais, o impacto da maternidade e os complexos processos de identificação. Esta análise busca, portanto, reunir as principais contribuições acadêmicas sobre o tema, evidenciando lacunas e avanços necessários.

A seleção realizada no Portal de Periódicos da CAPES identificou um total de 1004 artigos. Destes, a primeira seleção retirou os artigos duplicados, restando 533. Estes tiveram seus títulos lidos na íntegra, descartando aqueles que já anunciavam não se enquadrar nos critérios de inclusão. Restaram 325 artigos, os quais li os resumos e percebi que apenas 48 anunciavam relação direta com a temática. Estes foram lidos na íntegra e constatei que 6 atendiam ao objetivo da pesquisa, conforme exposto na Tabela 3, a seguir. Esses artigos relacionam-se diretamente com a temática de altas habilidades em mulheres adultas e abordaram os objetivos secundários da pesquisa em conjunto ou de forma isolada, pois trazem informações sobre o perfil dessas mulheres, seus processos de identificação das AH/SD e suas trajetórias acadêmicas e profissionais e experiência na maternidade.

TABELA 3: ARTIGOS SELECIONADOS

Artigo	Autores	Ano
A mulher com altas habilidades/superdotação: à procura de uma identidade	Pérez, Susana Graciela Pérez Barrera; Freitas Soraia Napoleão.	2012
Altas habilidades/superdotação na terceira idade: o despertar de uma artista	Bárbara Amaral Martins; Amanda de Oliveira Felizardo; Larissa Taynara dos Santos Brandão; Daiane Bogado Pereira da Silva	2023
Mulheres talentosas no Brasil: Trajetórias e desafios profissionais na sociedade contemporânea	Renata Muniz Prado; Denise de Souza Fleith	2020
O desenvolvimento do talento em uma perspectiva feminina	Renata Muniz Prado; Denise de Souza Fleith; Fernanda do Carmo Gonçalves	2011
Talento criativo em mulheres Brasileiras	Mundim, Maria Célia Bruno; Santos, Marco Antônio; Martinez, Chaielen Marchioli Barboza; Nader, Silvana Maria; Wechsler, Solange Muglia	2018
Vamos falar sobre elas: as mulheres com altas capacidades	Ana Paula Santos de Oliveira	2023

FONTE: a autora com base nos resultados encontrados, 2024

A discussão dos resultados encontrados neste levantamento bibliográfico revela a complexidade das experiências vividas por mulheres com altas habilidades/superdotação e os desafios específicos que enfrentam para desenvolver e afirmar suas capacidades em contextos produzidos por normas de gênero. Em uma análise das produções, é evidente que a trajetória dessas mulheres é permeada por barreiras produzidas pelo racismo e sexismo, pressões familiares até a ausência de protocolos consistentes de identificação em idade adulta. Também destacam as dificuldades de reconhecimento e autoaceitação, bem como os elementos que produzem essas barreiras, a partir dos marcadores de classe, gênero e raça, e que tem impacto na construção de uma identidade positiva para mulheres adultas com AH/SD. Vamos apresentar agora, mais detalhadamente, as categorias perfil, processo de identificação e trajetórias acadêmicas/profissionais e experiências com a maternidade, que encontramos nessa revisão.

5.1 Perfil das mulheres adultas com AH/SD

Essa seção explora as diversas dimensões das mulheres adultas com AH/SD, com base nos dados dos artigos revisados. As análises apontam uma visão universal dessas mulheres, especialmente no que se refere aos marcadores sociais como raça/cor, idade e sexualidade. Embora alguns artigos mencionem classe social e trajetória acadêmica, falta um aprofundamento das suas experiências, particularmente em relação às questões sociais e identitárias. A ausência de dados robustos sobre a diversidade dessas mulheres no contexto brasileiro desafia o entendimento de suas trajetórias, refletindo lacunas nas políticas e estudos acadêmicos disponíveis.

Nesta seção, a análise do perfil das mulheres com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) visa explorar as características individuais que influenciam a identificação, trajetória e a vivência dessas mulheres ao longo da vida. Buscou-se compreender como marcadores sociais da diferença gênero, raça e idade interagem na formação e no reconhecimento do talento dessas mulheres. A análise considerou tanto os aspectos positivos que contribuem para o desenvolvimento e a visibilidade dessas habilidades, quanto os desafios impostos por um contexto social e cultural que frequentemente invisibiliza o potencial criativo feminino, especialmente no âmbito das AH/SD.

O perfil da mulher investigada no artigo "Altas Habilidades/Superdotação na Terceira Idade: O Despertar de uma Artista" de Bárbara Amaral Martins, Amanda de Oliveira Felizardo, Larissa Taynara dos Santos Brandão e Daiane Bogado Pereira da Silva (2023), discute as experiências de uma mulher de 66 anos, nascida em 1925, no estado do Piauí. É mãe três homens e uma mulher. Desde a infância, mostrava interesse artístico, modelando imagens de barro, mas foi apenas aos 60 anos que suas altas habilidades artísticas se evidenciaram. Ela tem um perfil socioeconômico estável, construído através do trabalho do marido, que permitiu acesso a recursos que impulsionaram sua atividade criativa, como madeira, cerâmica e concreto (Martins et al., 2023).

Ela desenvolveu múltiplas obras, incluindo esculturas em concreto e a famosa obra "Cristo Rei do Pantanal," é socialmente reconhecida. Foi homenageada no carnaval local e recebe títulos honorários, o que destaca seu impacto na comunidade e o valor dado a seu trabalho (Martins et al., 2023).

As participantes da pesquisa *Mulheres talentosas no Brasil: Trajetórias e desafios profissionais na sociedade contemporânea* de Renata Maria Muniz Prado e Denise de Souza Fleith (2020) tem idades entre 39 e 66 anos, o que representa uma faixa etária ampla e cobre fases avançadas de desenvolvimento profissional. Essa diversidade de idades permite uma visão das diferentes etapas de carreira e desenvolvimento pessoal enfrentadas por mulheres em diferentes fases de suas vidas. Quatro das cinco participantes têm filhos¹ e são casadas. Isso demonstra a experiência dessas mulheres com os desafios encontrados para equilibrar as demandas de uma carreira de alto desempenho com as responsabilidades familiares, incluindo a maternidade e o casamento.

As entrevistadas apresentam origens socioeconômicas variadas. Entre elas, uma participante é descrita como oriunda de uma família de baixa renda, enfrentando condições de extrema pobreza e pais sem escolaridade formal. Essa diferença nas condições socioeconômicas de origem proporciona uma visão mais abrangente de como o talento e a determinação podem emergir em diferentes contextos sociais, especialmente quando há apoio familiar e educacional (Muniz Prado; Fleith, 2020).

¹ A pesquisa revisada utilizou o masculino universal para se referir a "filhos", sem especificar o gênero.

O artigo não especifica a raça ou etnia das participantes. A ausência dessa informação impede uma análise interseccional completa, especialmente sobre como o marcador social da diferença de raça poderia afetar suas trajetórias profissionais e pessoais. As participantes enfrentaram desafios significativos relacionados aos estereótipos de gênero e expectativas culturais sobre o papel das mulheres. Fatores como resiliência, apoio familiar (particularmente das mães) e a presença de pessoas mentoras foram fundamentais no desenvolvimento de suas carreiras e exibem características como otimismo, compromisso e capacidade de adaptação, que as ajudaram a superar obstáculos estruturais e culturais ao longo de suas trajetórias (Muniz Prado; Fleith, 2020).

Ao analisar o artigo *Talento criativo em mulheres Brasileiras* de Maria Célia Bruno Mundim, Marco Antônio dos Santos, Chaielen Marchioli Barboza Martinez, Silvana Maria Nader e Solange Muglia Wechsler (2018), podemos observar que as seis participantes desta pesquisa apresentam perfis diversificados, refletindo uma amplitude de experiências e trajetórias no campo criativo. Em relação à faixa etária, as idades das entrevistadas variam entre 36 e 55 anos, com uma média de 48 anos. Este intervalo abrange fases significativas das esferas profissionais e pessoais, sugerindo que as participantes estão em estágios avançados de suas carreiras, com vivências consolidadas e uma riqueza de experiências no contexto criativo (Mundim et al., 2018).

Quanto ao estado civil, 4 das participantes são casadas, uma é divorciada e outra é solteira. Em termos de maternidade, duas entrevistadas têm cada uma dois filhos², outras duas possuem apenas um filho³, enquanto as duas restantes não têm filhos⁴ (Mundim et al., 2018). A experiência materna e os desafios relacionados ao equilíbrio entre vida pessoal e profissional são questões centrais na gestão de suas carreiras, refletindo as complexas dinâmicas de conciliação entre esses dois âmbitos.

As participantes se destacam em diferentes áreas profissionais. Duas atuam no campo de Relações Públicas, uma no setor de Negócios, uma na Defensoria Pública, uma no Jornalismo e outra nas Artes Cênicas. Todas elas possuem um histórico de premiações em suas respectivas áreas, o que atesta o reconhecimento

² A pesquisa revisada utilizou o masculino universal para se referir a "filhos", sem especificar o gênero;

³ Idem;

⁴ Idem;

formal de seu talento criativo. Esse reconhecimento é um indicativo do impacto de suas contribuições nas respectivas profissões, refletindo a valorização de suas competências criativas (Mundim et al., 2018).

Embora a pesquisa não forneça detalhes específicos sobre a classe social de cada uma das participantes, o sucesso em suas respectivas áreas e a obtenção de premiações indicam que elas pertencem a um contexto socioeconômico favorável ao desenvolvimento de suas habilidades. O apoio familiar se destaca como um fator relevante para o desenvolvimento criativo, com as entrevistadas mencionando a importância desse suporte na gestão entre as exigências da vida pessoal e profissional, o que facilita a expressão e a sustentação de seus talentos criativos. No aspecto psicológico, as participantes demonstram características de personalidade como flexibilidade, persistência, abertura ao novo e inconformismo. A motivação intrínseca, caracterizada pela dedicação e pelo prazer em suas atividades criativas, é uma característica comum entre todas as entrevistadas (Mundim et al., 2018).

O artigo *A Mulher com Altas Habilidades/Superdotação: À Procura de uma Identidade* de Susana Graciela Pérez Barrera e Soraia Napoleão Freitas (2012), oferece uma análise detalhada do perfil de duas participantes, a partir de informações sobre suas trajetórias e contextos pessoais. Marina tem 50 anos e Alice, 47 anos. Ambas foram identificadas como mulheres com AH/SD já na fase adulta, o que teve um impacto significativo em seu processo de aceitação e autovalorização. Essa descoberta tardia sugere uma trajetória de reconhecimento e adaptação às suas características, o que influencia diretamente sua relação com a identidade pessoal e profissional (Pérez & Freitas, 2012).

O artigo não fornece informações sobre a raça das participantes, o que limita uma análise mais aprofundada sobre as questões interseccionais de gênero e raça. A falta de dados sobre este aspecto impede a inclusão de uma perspectiva racial, essencial para compreender as dinâmicas de discriminação e os desafios adicionais que poderiam afetar suas experiências e visibilidade no contexto social e acadêmico.

Marina é filha de uma bancária e de um comerciante, o que indica um contexto familiar de classe média. É solteira e não é mãe, o que, segundo ela, lhe proporcionou uma maior flexibilidade para investir tempo em atividades acadêmicas e criativas, como viagens e a prática de mosaicos. A ausência das responsabilidades familiares possibilitou um maior foco em suas conquistas pessoais e profissionais. É descrita como uma pessoa independente e autossuficiente, mas também apresenta

inseguranças em contextos sociais. Seu perfil é marcado pela autocrítica intensa e pela busca incessante por excelência, características que refletem um perfeccionismo que permeia tanto sua vida acadêmica quanto pessoal. Esse traço, embora impulsiona seus esforços em direção ao sucesso, também traz desafios emocionais e sociais. Demonstra interesse por viagens e artes manuais, especialmente mosaicos, além de se dedicar ao trabalho voluntário em pesquisa científica. Suas atividades extracurriculares refletem seu engajamento com áreas criativas e intelectuais, além de uma dedicação ao desenvolvimento de sua área profissional (Pérez & Freitas, 2012).

Alice, por sua vez, é filha de uma dona de casa e de um jornalista, indicando um nível socioeconômico que também possibilitou sua continuidade nos estudos, embora em um contexto de recursos mais limitados. É casada e tem dois filhos⁵, o que moldou, segundo ela, suas prioridades, levando-a a equilibrar suas responsabilidades familiares com sua vida profissional. Na pesquisa, ela demonstra uma personalidade brincalhona e um forte senso de humor, que utiliza para estabelecer relações sociais. Suas habilidades interpessoais e sua forte inclinação para a solidariedade e o auxílio ao próximo são evidentes (Pérez & Freitas, 2012).

No entanto, sua autocrítica e insegurança interferem em sua confiança para avançar no âmbito acadêmico, o que se traduz em um receio de não conseguir acompanhar as demandas da vida acadêmica, o que a leva a hesitar em buscar novas oportunidades. Ela pratica esportes como futebol, vôlei e patinação, e se dedica a atividades criativas, como crochê e tricô, além de jardinagem e reformas na casa. Sua participação em ONGs e sua valorização de atividades sociais e culturais evidenciam seu perfil envolvido com a comunidade, comprometido com causas coletivas e com o bem-estar social (Pérez & Freitas, 2012).

As duas participantes, Marina e Alice, compartilham um contexto socioeconômico que favoreceu a continuidade de seus estudos e o desenvolvimento de suas habilidades, embora suas trajetórias e experiências familiares sejam diferentes. Marina, solteira e não é mãe, direcionou seu foco para as realizações acadêmicas e criativas, enquanto Alice, casada e com filhos⁶, equilibra as responsabilidades familiares com seu trabalho e atividades voluntárias. Ambas

⁵ A pesquisa revisada utilizou o masculino universal para se referir a "filhos", sem especificar o gênero;

⁶ Idem.

enfrentam desafios relacionados à autovalorização e aceitação de sua identidade como mulheres com AH/SD, evidenciando a falta de modelos femininos de sucesso no campo da superdotação, o que dificulta a visibilidade e a validação de suas competências (Pérez & Freitas, 2012). A ausência de apoio para mulheres, intimamente ligada às questões de gênero, emerge como um fator crucial no processo de construção de suas identidades e no enfrentamento dos desafios impostos por suas experiências únicas.

A análise do perfil das mulheres com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) aponta que o gênero captura a complexidade das experiências vividas por essas mulheres, mas é necessário interseccioná-la com outros marcadores sociais como raça/cor e geração para compreender as barreiras enfrentadas. Somente o gênero não é suficiente para entender a pluralidade de fatores que influenciam o desenvolvimento e o reconhecimento das habilidades dessas mulheres. Como indicado por Martins et al. (2023), os obstáculos enfrentados por elas incluem barreiras sociais que restringem suas possibilidades, como a expectativa de que desempenhem papéis domésticos e a subvalorização de seu potencial criativo. Contudo, ao desconsiderar outras dimensões identitárias, como raça, classe social e idade, essas análises tendem a apresentar uma visão limitada e homogênea do perfil de sucesso, deixando de lado as especificidades de mulheres, como por exemplo as negras, as trans, as mais velhas, as indígenas.

A falta de uma perspectiva interseccional nas pesquisas sobre AH/SD em mulheres contribui para a formação de um perfil idealizado e simplificado, que desconsidera as desigualdades estruturais que impactam as trajetórias. A raça e a classe social desempenham papéis cruciais no processo de identificação e valorização das habilidades dessas mulheres, mas ao não serem consideradas, restringem a compreensão dos desafios que elas enfrentam em suas trajetórias. Mulheres negras e que estão em classes sociais em situação de vulnerabilidade, por exemplo, frequentemente encontram barreiras adicionais, como o racismo, o sexismo e a pobreza, que tornam mais difícil o reconhecimento de suas capacidades. A ausência de dados que cruzem gênero, raça e classe no contexto educacional e profissional contribui para a invisibilidade dessas barreiras, resultando em um perfil de mulheres com AH/SD que ignora os múltiplos esquemas de opressão enfrentadas por essas mulheres em diferentes contextos sociais.

As análises realizadas trazem a ausência de descrições sobre raça nas pesquisas analisadas, evidenciando que, para esses trabalhos, não há necessidade de racializar as mulheres brancas, o que faz com que elas componham a norma para mulheres com AH/SD. Essa ausência reforça, um discurso que invisibiliza mulheres negras ao perpetuar a ideia de uma mulher "neutra" ou "universal", cuja identidade racial nunca é questionada. Tal prática não apenas reproduz o racismo estrutural, como também reforça a exclusão dessas mulheres das narrativas acadêmicas e dos processos de identificação de AH/SD, perpetuando desigualdades históricas.

Além disso, o processo de reconhecimento das mulheres com AH/SD é frequentemente prejudicado pela construção social e cultural de estereótipos de gênero, que associam características excepcionais de inteligência e criatividade ao universo masculino. Como ressaltado por Pérez e Freitas (2012), a invisibilidade das mulheres no campo das AH/SD e a falta de modelos femininos que as representem adequadamente contribuem para o não reconhecimento e a invisibilização de suas habilidades. Isso gera sentimentos nos quais as mulheres aprendem a não reconhecer e a subvalorizar suas próprias competências, e a internalizar a ideia de que não se encaixam no perfil tradicionalmente associado à superdotação. Portanto, sem uma análise mais profunda, que leve em consideração a intersecção de gênero, raça, classe social e geração, as pesquisas sobre o perfil de mulheres com AH/SD acabam por reforçar uma visão, que não reflete as complexas realidades enfrentadas por essas mulheres na educação e na trajetória profissional

5.2 Processo de identificação

O processo de identificação das altas habilidades/superdotação (AH/SD) da artista, apresentado por (Martins et al., 2023) ocorreu de maneira tardia, somente aos 60 anos, quando seu talento para as artes plásticas começou a se destacar. Durante sua juventude, ela não teve uma educação formal extensa, sendo alfabetizada pelo avô, mas desde criança demonstrou interesse artístico, modelando figuras em barro. A identificação como uma pessoa com AH/SD se deu mais em função da prática e reconhecimento comunitário de suas obras do que por avaliação formal.

O processo se deu pela autoidentificação, que se refere ao processo pelo qual uma pessoa reconhece em si mesma características associadas a essas habilidades, muitas vezes sem a mediação de avaliações formais ou diagnósticos externos. Esse

reconhecimento pode ser resultado de reflexões sobre suas experiências pessoais, desempenho em determinadas áreas, ou a percepção de padrões de pensamento, criatividade e aprendizado que se destacam em relação ao contexto em que está inserida. Apontou uma descoberta pessoal, marcada pela ausência do reconhecimento institucional de altas habilidades, que aconteceu muito tardiamente para ela e que não se deu pelo processo de avaliação convencional.

Essa abordagem informal de descoberta evidencia a falta de metodologias padronizadas para identificar AH/SD em mulheres adultas e idosas, o que, conforme apontado por Bezerra e Freitas (2020), expõe a invisibilidade dessas mulheres no cenário educacional e o impacto das barreiras de gênero na autorrealização de talentos femininos. Nesse processo, o reconhecimento social foi determinante para sua autoidentificação. Ao completar sua primeira escultura, ela foi congratulada por muitos membros da comunidade, o que lhe deu confiança e a motivou a continuar a explorar suas habilidades.

Prado e Fleith (2020) não mencionam um processo formal de identificação de altas habilidades/superdotação, mas explora como as participantes desenvolveram e manifestaram seu talento ao longo de suas carreiras, seguindo o Mega-Modelo de Desenvolvimento de Talentos, Rena F. Subotnik, Paula Olszewski-Kubilius e Frank C. Worrell (2011). O talento dessas mulheres foi reconhecido e reforçado ao longo do tempo, em grande parte devido à resiliência, apoio familiar e presença de pessoas mentoras (Muniz Prado; Fleith, 2020). Elas enfrentaram e superaram barreiras como estereótipos de gênero, equilibrando suas aspirações profissionais e os papéis sociais impostos, especialmente a maternidade e o casamento, o que consolidou sua trajetória como mulheres talentosas e eminentes nas áreas em que atuam.

Apesar de não definir de maneira mais específica, quais são os estereótipos de gênero, a análise desse elemento é central, pois aponta para a produção de obstáculos psicológicos significativos, que impactam diretamente o reconhecimento e a aceitação das suas aptidões. Para as autoras, eles não apenas influenciam a percepção das próprias habilidades por parte das mulheres, mas também distorcem as expectativas sociais sobre o que uma mulher "deve" ser capaz de realizar, levando-as a subestimar ou negar suas competências. Ao destacar essa internalização, aponta para um processo de auto-sabotagem, um elemento que produz a síndrome da impostora, o que também apareceu na pesquisa anterior (Martins et al., 2023), muitas vezes invisível, onde as mulheres, devido à pressão social, não se reconhecem ou

são incapazes de aceitar sua condição de superdotação ou talento excepcional (Martins et al., 2023). Isso reflete uma das grandes dificuldades no processo de identificação de AH/SD, já que o reconhecimento das capacidades extraordinárias está profundamente condicionado a acreditar e aceitar seu talento, quebrando estereótipos que perpetuam a ideia de que mulheres devem, esconder, se limitar ou minimizar suas habilidades, especialmente em áreas dominadas por homens (Muniz Prado; Fleith, 2020).

Mundim et al (2018) abordam o desenvolvimento do talento criativo em mulheres brasileiras a partir de uma combinação de fatores psicológicos, ambientais e sociais, sem um a necessidade de processo formal de identificação de altas habilidades. A identificação do talento criativo nas mulheres entrevistadas ocorreu ao longo da trajetória profissional, e foi reconhecido, em grande parte, por meio de prêmios e distinções públicas, destacando-se em suas áreas devido a fatores como mentoria, apoio familiar e características pessoais.

A família desempenhou um papel importante para o desenvolvimento das habilidades criativas dessas mulheres. Desde a infância, o apoio e o incentivo da família foram fundamentais, especialmente para aumentar a capacidade de socialização e reforçar o valor do talento. Esse apoio variou entre promover a autoafirmação e encorajar a independência, fatores essenciais para que as participantes pudessem manifestar sua criatividade em várias fases da vida (Mundim et al., 2018).

Outro aspecto recorrente foi a presença de mentores ou figuras significativas, como pais, professores ou chefes, que serviram de inspiração e guia para o desenvolvimento profissional (Mundim et al., 2018). Observo que a grafia no masculino universal é usada pelas autoras e pelo autor reflete a naturalização do masculino universal, invisibilizando o papel de mulheres mentoras no desenvolvimento de talentos criativos. Essas pessoas mentoras proporcionaram não só suporte emocional, mas também orientação prática e profissional, facilitando o engajamento das mulheres em suas áreas de atuação e ampliando suas perspectivas sobre a criatividade. Isso contribuiu para uma identificação indireta de suas habilidades como talentosas criativas (Mundim et al., 2018).

A motivação intrínseca, que reflete o prazer e a dedicação ao trabalho, foi um fator determinante, permitindo que as mulheres mantivessem alto nível de empenho e foco nas atividades criativas. Esse compromisso foi essencial para alcançar o

reconhecimento social e formal que caracteriza o processo de identificação não oficial de suas altas habilidades. Também destaca que o processo criativo dessas mulheres incluiu momentos de *insight*, incubação e *flow*, elementos que possibilitaram a geração de ideias originais e inovadoras. A diversidade cultural e as experiências de vida, como viagens e exposição a diferentes contextos, ampliaram suas percepções e influenciaram positivamente o desenvolvimento de suas habilidades (Mundim et al., 2018).

Essa análise mostra que o reconhecimento das altas habilidades nessas mulheres não seguiu um modelo formal de identificação, mas foi consolidado ao longo de suas carreiras e foi reforçado pelo espaço social, pela família e por influências profissionais. O desenvolvimento do talento criativo ocorreu como resultado da interação de vários fatores, refletindo um processo contínuo e adaptativo.

Perez e Freitas (2012) apresentam o processo de identificação de AH/SD nas duas participantes, Marina e Alice, que foram identificadas na vida adulta. Marina (50 anos), professora universitária, possui habilidades nas áreas linguística, naturalista e lógico-matemática. Desde jovem, ela apresentou interesse e facilidade em áreas científicas, culminando em uma carreira acadêmica e de pesquisa com publicações científicas e prêmios. O processo de identificação formal como pessoa com AH/SD aconteceu tardiamente, durante sua trajetória adulta, o que influenciou sua autopercepção. Inicialmente, Marina apresentava resistência em aceitar essa identidade. Mas, ao longo do tempo e com o apoio de pares e de uma crescente discussão sobre o tema, ela passou a reconhecer e valorizar suas habilidades únicas (Pérez & Freitas, 2012).

Alice (47 anos), professora e mãe de dois filhos⁷, também foi identificada na vida adulta, um processo que começou quando seu filho mais velho foi diagnosticado com AH/SD e ela participou de uma palestra sobre o tema. Insegura sobre a validade dessa identificação, ela inicialmente atribuía suas características a outras causas. Apenas após uma avaliação formal aos 44 anos ela aceitou parcialmente essa identidade. Contudo, mesmo após a identificação, ela continua relutante em valorizar sua condição de AH/SD, frequentemente subestimando suas habilidades e buscando constantemente autovalidação (Pérez & Freitas, 2012).

⁷ A pesquisa revisada utilizou o masculino universal para se referir a "filhos", sem especificar o gênero.

As autoras Prado; Fleith e Gonçalves (2011) enfatizam que o processo de identificação do talento em mulheres é frequentemente tardio e desafiado por estereótipos de gênero. A subestimação do talento feminino é uma constante, com as habilidades das mulheres sendo, muitas vezes, reconhecidas somente após provas substanciais de competência ou sucesso. O trabalho cita o modelo produzido por Kathleen D. Noble, Rena F. Subotnik e Karen D. Arnold (1999) que sugere que o talento feminino se desenvolve por meio de "filtros ou catalisadores" que agem como impulsionadores do comportamento talentoso. Esses catalisadores incluem habilidades e oportunidades ambientais que promovem a expressão do talento quando adequadamente reforçados pelo ambiente (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011).

A influência de pessoas mentoras é outro fator essencial no processo de identificação do talento, oferecendo às mulheres tanto suporte emocional quanto orientação profissional. Essas mentorias são representadas, muitas vezes, como figuras masculinas, visto que áreas de destaque ainda são predominantemente ocupadas por homens, o que reforça a necessidade de mais modelos femininos para apoiar a identificação e desenvolvimento do talento em outras mulheres (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011).

Oliveira (2023) aborda a dificuldade de identificação das mulheres com altas habilidades devido à persistência de estereótipos de gênero. Fábio Massuda e Maria Cláudia Orlando (2019) e Sérgio M. de Reis e Sandra de Azevedo Gomes (2011) apontam que as expectativas e crenças de profissionais da educação, frequentemente subestimam as meninas, resultando em uma menor identificação de mulheres com altas habilidades. Coloca que, meninas talentosas são muitas vezes vistas como difíceis de identificar devido a preconceitos culturais que associam o talento intelectual e habilidades excepcionais ao gênero masculino (Oliveira, 2023).

Também apresentam a síndrome da impostora como outra dificuldade, destacando como esses fatores contribuem para a dificuldade do reconhecimento de suas potencialidades. Embora o processo de identificação em si não seja explorado detalhadamente, a autora sugere que muitas mulheres, para se adaptarem aos padrões sociais estabelecidos, frequentemente "mascaram suas capacidades" (Oliveira, 2023, p. 155). Esse fenômeno ilustra uma das questões centrais do artigo: a internalização de normas sociais que levam as mulheres a não reconhecerem ou a

subestimarem suas próprias habilidades, o que dificulta ainda mais o processo de identificação formal de AH/SD (Oliveira, 2023).

A síndrome da impostora é um fenômeno psicológico em que indivíduos, apesar de suas conquistas objetivas, duvidam de suas habilidades e temem ser desmascarados como "fraudes". Esse sentimento é especialmente comum entre mulheres, que, muitas vezes, internalizam crenças de que não merecem o sucesso alcançado. De acordo com Pauline R. Clance e Suzanne A. Imes (1978)⁸, as pessoas que experienciam a síndrome da impostora, atribuem seu sucesso a fatores externos, como sorte ou ajuda, em vez de reconhecerem suas próprias competências e méritos. Além disso, esse fenômeno pode gerar altos níveis de ansiedade, insegurança e autocrítica, prejudicando o desenvolvimento da autoconfiança e da identidade profissional. A síndrome da impostora tem sido associada a dificuldades no processo de autovalorização e no reconhecimento das próprias capacidades, como evidenciado por estudos de Bian, Leslie e Cimpian (2018)⁹ e Oliveira (2023)¹⁰.

A análise do processo de identificação de mulheres com AH/SD revela uma complexa interseção entre fatores sociais, culturais, psicológicos e metodológicos que dificultam tanto a identificação formal, quanto o pleno desenvolvimento dessas habilidades. O que se conclui das análises é uma visibilidade limitada do talento feminino, produzida nas práticas de identificação que carecem de uma abordagem com viés de gênero, raça e geração, e sensível aos desafios específicos enfrentados pelas mulheres.

A ausência de protocolos consistentes, especialmente para as mulheres adultas, está ligada a uma tendência de invisibilização das suas potencialidades ao longo da vida, um fenômeno que é ainda mais marcado em um contexto social que não reconhece o talento feminino como uma característica digna de valorização. Como destacado por Moreira (2021), as práticas educativas precisam ser mais inclusivas, ajustadas às diferentes fases da vida, e sensíveis às especificidades de gênero e raça para garantir que os potenciais das mulheres com AH/SD sejam devidamente reconhecidos.

⁸ Clance, P. R., & Imes, S. A. (1978). *The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention*. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 15(3), 241-247

• ⁹ Bian, L., Leslie, S. J., & Cimpian, A. (2018). Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. *Science*, 355(6323), 389-391.

¹⁰ Oliveira, T. (2023). *O impacto dos estereótipos de gênero no reconhecimento das altas habilidades em mulheres*. (p. 155)

A falta de políticas públicas que tratem da identificação das AH/SD em mulheres adultas é uma das lacunas mais evidentes. Como Bezerra e Freitas (2020) apontam, a identificação das altas habilidades no Brasil é predominantemente centrada em crianças e adolescentes, o que reforça a ideia de que as capacidades excepcionais surgem apenas nas fases iniciais da vida. Isso resulta em uma subvalorização dos talentos femininos em idades mais avançadas, já que, muitas vezes, a identificação ocorre de maneira informal ou não ocorre de forma sistemática. A ausência de uma abordagem integrada, que reconheça o desenvolvimento de habilidades ao longo da vida, impede a construção de trajetórias acadêmicas e profissionais mais robustas para as mulheres com AH/SD, especialmente em contextos em que as expectativas sociais e de gênero limitam a percepção de suas capacidades.

Esse cenário é ilustrado pela pesquisa de Mundim et al. (2018), que evidenciou o reconhecimento informal das habilidades criativas de mulheres, realizado principalmente por meio do apoio de *mentores, professores e chefes*. No entanto, o estudo também revela uma limitação importante: a falta de uma abordagem mais formalizada e inclusiva no processo de identificação. A escolha de usar o termo no masculino universal para se referir a figuras de mentoria ou liderança é uma manifestação do viés de gênero, que invisibiliza a possibilidade de mulheres atuarem como mentoras ou líderes no desenvolvimento de outras mulheres.

Esse viés, reforça a ideia de que o apoio no reconhecimento de talentos e habilidades excepcionais é predominantemente masculino, excluindo, assim, a possibilidade de as mulheres desempenharem papéis ativos nesse processo. Como observa Oliveira (2023), a construção social do gênero não apenas marginaliza as mulheres em contextos de superdotação, mas também as pressiona a adotar uma postura de modéstia, afastada das características que frequentemente definem as AH/SD.

A síndrome da impostora é outro fator observado nesse processo, pois muitos estudos revelam que, mesmo diante de um potencial evidente, as mulheres com AH/SD tendem a duvidar de suas próprias habilidades, o que impede o reconhecimento de seu talento, tanto por elas mesmas quanto pelos outros. Esse fenômeno psicológico é particularmente relevante, pois reflete a internalização de normas e expectativas sociais que minam a autoestima e a autoconfiança, dificultando a validação das capacidades das mulheres. (Oliveira, 2023).

Essa síndrome é vista como uma barreira psicológica significativa no reconhecimento de talentos excepcionais, contribuindo para que muitas mulheres não se percebam como superdotadas e, assim, não busquem os recursos necessários para o desenvolvimento de suas habilidades. Esse aspecto coloca em evidência a necessidade de um olhar mais profundo sobre os fatores emocionais que envolvem a identificação de AH/SD, já que o reconhecimento das capacidades não é apenas uma questão de diagnóstico técnico, mas também de um processo de autoaceitação que, frequentemente, é dificultado por construtos de gênero e raça.

Esse contexto traz à tona a urgência de repensar os mecanismos formais de identificação das AH/SD, especialmente no caso das mulheres adultas. A falta de processos institucionalizados e a ausência de um protocolo padronizado e acessível para a identificação de talentos excepcionais em mulheres adultas sublinham uma falha estrutural, que impede a valorização de suas habilidades. Nesse sentido, é importante que novas práticas de identificação sejam desenvolvidas, levando em consideração o gênero, a raça/cor, a idade, os estigmas sociais e psicológicos, e os contextos institucionais que ainda negligenciam o reconhecimento do talento feminino.

A análise vai evidenciar a necessidade de uma abordagem mais abrangente e inclusiva, que considere não apenas as dimensões técnicas da identificação, mas também as barreiras de viés de gênero e raça que dificultam o reconhecimento pleno dessas capacidades. De acordo com Muniz Prado e Fleith (2020), o processo de identificação das mulheres com AH/SD exige uma desconstrução de estereótipos de gênero e uma revisão das práticas institucionais, com a criação de ambientes de apoio que permitam a aceitação e o desenvolvimento pleno do potencial feminino. É fundamental que, além de formalizar e padronizar os protocolos de identificação, se incorpore uma visão mais interseccional e que seja reconhecida a importância de figuras de mentoria femininas para o desenvolvimento do talento e da identidade de outras mulheres. Essa abordagem contribuiria para a construção de um espaço mais inclusivo e equitativo, que incentive a visibilidade e o reconhecimento das mulheres com altas habilidades/superdotação.

5.3 Trajetórias: escolar, acadêmica e profissional e a experiência da maternidade.

Nesta seção, serão analisadas as trajetórias acadêmicas, profissionais e pessoais de mulheres com AH/SD, a partir das informações e discussões

apresentadas nos estudos revisados. A análise examinou como esses artigos abordam os principais desafios enfrentados, incluindo barreiras institucionais, estereótipos de gênero e os dilemas associados ao equilíbrio entre vida profissional e o trabalho do cuidado, especialmente no contexto da maternidade. Além disso, será analisado como os estudos selecionados contribuem para a compreensão das influências externas e internas que afetam o reconhecimento e o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Por fim, serão exploradas as implicações dessas trajetórias para o aprimoramento de políticas públicas e práticas institucionais que busquem um suporte mais efetivo e inclusivo para mulheres adultas com altas habilidades.

A trajetória da artista pesquisada por Martins et al. (2023) demonstra que ela nunca frequentou escola formalmente e foi alfabetizada de maneira caseira pelo avô, juntamente com seus irmãos. Na adolescência, mudou-se com a família para São Paulo, onde trabalhou na lavoura. Essa experiência de trabalho foi a base da sua trajetória inicial. No entanto, foi na vida adulta, ao se mudar para Mato Grosso do Sul com o marido, que teve a oportunidade de explorar suas habilidades artísticas. Inicialmente, suas produções eram experimentações autodidatas, utilizando materiais como madeira e cerâmica. Com o tempo, o concreto se tornou seu material principal, permitindo-lhe criar esculturas complexas e de grande escala, inclusive a famosa obra “Cristo Rei do Pantanal”. O reconhecimento social e o apoio da comunidade incentivaram seu desenvolvimento artístico, levando-a a abrir um ateliê conhecido na região (MARTINS et al., 2023).

Embora o artigo não detalhe os impactos diretos da maternidade na sua prática artística, menciona que seus netos participaram e cresceram próximos às esculturas da avó, possivelmente indicando uma transmissão cultural e uma continuidade de seu legado artístico. No artigo não há menção de que a maternidade e a família tenham limitado seu desenvolvimento criativo. A estabilidade familiar proporcionada pelo trabalho do marido e a interação com os filhos, filhas e netos ao longo dos anos parecem ter contribuído para o fortalecimento de sua identidade como artista (MARTINS et al., 2023).

A artista, embora dotada de habilidades criativas desde a infância, só conseguiu explorar seu potencial artístico na terceira idade, após cumprir com as responsabilidades familiares associadas ao papel de mãe e avó (MARTINS et al.,

2023). Esse dado é esclarecedor, pois evidencia como as expectativas sociais e os estereótipos de gênero frequentemente restringem as oportunidades para que mulheres com AH/SD desenvolvam plenamente suas capacidades ao longo da vida.

O estudo também destaca como o reconhecimento social e familiar teve um papel fundamental no desenvolvimento artístico da participante, ressaltando que o suporte emocional e a validação externa são essenciais para a construção da identidade de uma mulher com AH/SD (MARTINS et al., 2023). Este processo de reconhecimento tardio, impulsionado pelo apoio da família e pela superação das barreiras de idade e gênero, aponta para a necessidade de um contexto mais amplo de acolhimento e incentivo para que mulheres com AH/SD possam alcançar seu pleno potencial, não sendo limitadas pelas pressões e expectativas que a sociedade frequentemente impõe a elas.

Muniz Prado e Fleith (2020) entrevistaram mulheres entre 39 e 66 anos, de diferentes áreas profissionais, como educação, comunicação, recursos humanos, publicidade e literatura. Quatro das cinco participantes têm filhos¹¹ e são casadas, com uma tendo uma origem socioeconômica mais desfavorecida. Ao longo de suas trajetórias profissionais, enfrentaram desafios que incluíam pressões para conciliar carreira e família, resistência a estereótipos de gênero e desafios em ambientes predominantemente masculinos. Suas carreiras foram impulsionadas por comprometimento, otimismo e apoio familiar. Além disso, a presença de pessoas mentoras foi uma constante, oferecendo inspiração e aconselhamento em suas trajetórias. O local de trabalho foi uma fonte de tanto apoio quanto de desafios, pois algumas participantes relatam apoio de pares, enquanto outras mencionam barreiras estruturais e relacionamentos difíceis (Muniz Prado & Fleith, 2020)

A maternidade teve um papel complexo na vida dessas mulheres. É mencionado que o apoio do companheiro foi essencial para manter o equilíbrio entre vida pessoal e profissional, e muitas demonstraram uma forte conexão com os filhos e filhas. Essa presença e participação ajudou a aliviar as tensões da vida familiar e possibilitou que continuassem a avançar em suas carreiras. O apoio familiar, especialmente da mãe ou do pai durante a infância, é ressaltado como um fator de

¹¹ A pesquisa revisada utilizou o masculino universal para se referir a "filhos", sem especificar o gênero.

incentivo inicial. Esse suporte emocional continua a ser uma fonte de força e segurança ao longo de suas vidas (Muniz Prado & Fleith, 2020).

Na pesquisa de Mundim et al (2018), as seis mulheres possuem carreiras de destaque em campos variados, como Relações Públicas, Negócios, Jornalismo, Defensoria Pública e Artes Cênicas. Apesar de nem todas terem uma formação acadêmica linear, suas trajetórias incluem anos de dedicação e desenvolvimento de habilidades específicas, permitindo que fossem reconhecidas por prêmios e elogios públicos. A formação acadêmica serviu tanto como uma base para o avanço profissional quanto como um meio para superar desafios institucionais, especialmente em setores tradicionalmente dominados por homens (Mundim et al., 2018).

As entrevistadas enfrentaram barreiras significativas, como a cristalização dos estereótipos de gênero, o sexismo, excesso de trabalho, jornadas duplas e a necessidade de validação constante. Em áreas como a Defensoria Pública e o Jornalismo, elas destacaram a necessidade de provar continuamente suas competências. Outras mencionaram desafios específicos relacionados à hierarquia e a conflitos em espaços tradicionalmente masculinos. Para superar essas dificuldades, as participantes cultivaram características como resiliência e inconformismo, mantendo o foco e a dedicação para alcançar o reconhecimento (Mundim et al., 2018).

Duas das participantes possuem dois filhos¹², outras duas têm um filho, e duas não têm filhos¹³. Uma das participantes comentou que investiu muito na afetividade e nas relações familiares, destacando a importância de estar presente na criação dos filhos¹⁴ e nos momentos de convivência, como refeições em família (Mundim et al., 2018).

A maternidade é vista como um componente importante, e o apoio familiar, especialmente dos companheiros, foi fundamental para equilibrar as demandas entre a vida profissional e pessoal. Esse apoio foi frequentemente mencionado como uma das principais fontes de suporte emocional e prático, essencial para lidar com as pressões do trabalho e da maternidade. Em um caso, o apoio incondicional do marido foi o que permitiu que a participante mantivesse um equilíbrio saudável entre a carreira e a família. Para outras, especialmente a que enfrentou dificuldades em dois

¹² A pesquisa revisada utilizou o masculino universal para se referir a "filhos", sem especificar o gênero;

¹³ Idem;

¹⁴ Idem.

casamentos, a independência financeira tornou-se uma fonte de estabilidade e resiliência, demonstrando como a família pode tanto promover quanto restringir o desenvolvimento criativo e profissional

Duas participantes optaram pela maternidade em idades mais avançadas, priorizando o foco inicial na carreira e o desenvolvimento do talento criativo. A postergação da maternidade permitiu consolidarem suas carreiras antes de enfrentar as responsabilidades familiares de cuidado. Essa escolha refletiu uma estratégia para gerenciar as pressões sociais sobre a maternidade ~~e os estereótipos de gênero~~, minimizando a exposição aos desafios típicos enfrentados por mulheres jovens no mercado de trabalho (Mundim et al., 2018).

A pesquisa de Perez e Freitas (2012) analisa a trajetória das duas participantes de maneira mais detalhada. No caso de Marina, sua trajetória acadêmica foi sólida e linear, com graduação em Ciências, mestrado em Biociências e doutorado em Zoologia. Participou de programas de bolsas e colaborações internacionais, o que impulsionou sua carreira como pesquisadora e resultou em diversas publicações e prêmios. Ela também é sócia-proprietária de uma editora e se destaca por sua dedicação ao trabalho acadêmico e sua produção de conhecimento científico, além de ter publicado um livro de contos, o que demonstra suas habilidades na área linguística. Marina participa de atividades voluntárias em pesquisa, mas admite ser altamente exigente consigo mesma, refletindo traços de perfeccionismo (Perez & Freitas, 2012).

Solteira e sem filhos, Marina tem uma vida dedicada ao desenvolvimento pessoal e profissional, equilibrando interesses em mosaicos e viagens com sua carreira acadêmica. A ausência de obrigações familiares diretas permitiu a ela investir mais tempo em sua carreira científica e criativa. No entanto, o artigo menciona que Marina, apesar de seu sucesso, ainda lida com sentimentos de insegurança e autocrítica, o que afeta sua autopercepção como pessoa com AH/SD (Perez & Freitas, 2012).

A outra participante, Alice, tem formação em Letras e especializações em diferentes universidades e construiu sua carreira no ensino público, onde atualmente atua em uma sala de recursos para alunos com AH/SD. Ao longo de sua trajetória, buscou formação contínua e se dedicou a desenvolver habilidades interpessoais e de liderança. No entanto, ela apresenta dificuldades em se autoafirmar como pessoa com AH/SD, especialmente em contextos que exigem capacidade de autoconfiança,

frequentemente hesitando em avançar na carreira acadêmica por acreditar que não teria sucesso, mesmo quando possui habilidades claras para tal. Suas atividades profissionais também incluem voluntariado, e ela organiza eventos em instituições educacionais e sociais (Perez & Freitas, 2012).

Casada e com dois filhos¹⁵, Alice enfrenta desafios ao equilibrar suas responsabilidades familiares com sua carreira. A maternidade foi uma experiência transformadora para ela, reduzindo o foco no trabalho e intensificando sua dedicação à família. Ela compartilha que a maternidade exigiu que ela deixasse de lado o egocentrismo para se concentrar nas necessidades dos filhos¹⁶. Manifesta um dilema entre a dedicação ao trabalho e ao lar, refletindo uma tensão interna sobre o papel social da mulher e as exigências profissionais. Mesmo sendo uma pessoa altamente engajada socialmente e com forte senso de responsabilidade, sente que poderia fazer mais academicamente, mas é contida pela autocrítica e pela percepção limitada de suas próprias capacidades (Perez & Freitas, 2012).

As trajetórias profissionais das mulheres talentosas abordadas no artigo de Renata Muniz Prado; Denise de Souza Fleith Fernanda do Carmo Gonçalves (2011), demonstram uma luta constante para conquistar e manter posições de destaque, especialmente em áreas tradicionalmente dominadas por homens. A pesquisa indica que mulheres em áreas como Ciências, Engenharia e Economia enfrentam o fenômeno do “teto de vidro,” que limita sua ascensão a cargos de liderança devido a barreiras invisíveis e culturais. Stefanello (2008) denomina esse fenômeno como “exclusão vertical” ou “segregação hierárquica,” que impede mulheres de alcançar níveis mais altos de prestígio e responsabilidade em suas carreiras (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011).

Para superar esses obstáculos, muitas mulheres desenvolvem estratégias adaptativas, como cultivar redes de apoio e buscar mentoria que as ajudam a navegar pelos desafios institucionais. Reis (2005) sugere que mulheres talentosas que permanecem apaixonadas e engajadas em suas áreas de atuação conseguem, muitas vezes, lidar melhor com essas dificuldades, pois a dedicação ao trabalho serve como uma proteção contra as pressões sociais para desempenhar papéis tradicionais de gênero (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011).

¹⁵ A pesquisa revisada utilizou o masculino universal para se referir a "filhos", sem especificar o gênero;
¹⁶ Idem.

A maternidade é identificada no artigo como uma das principais barreiras ao desenvolvimento do talento feminino, particularmente devido às pressões para equilibrar responsabilidades familiares e profissionais, o que corrobora como os outros estudos já citados (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011; Mundim et al., 2018), que indicam que o número de filhos e filhas tem um impacto direto na produtividade das mulheres: quanto maior o número de filhos, menores são as chances de elas alcançarem posições de destaque em suas carreiras. Para explicar essa relação, Cuddy, o artigo menciona que Susan T. Fiske e Peter Glick (2004) apresentam que mulheres mães são frequentemente vistas como menos competentes ou menos comprometidas, o que prejudica suas perspectivas de promoção (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011).

Além disso, a divisão desigual das tarefas domésticas também contribui para a sobrecarga feminina, limitando o tempo e os recursos emocionais disponíveis para a dedicação ao trabalho. O artigo afirma que os estereótipos culturais associados à maternidade frequentemente promovem a visão de que mulheres devem priorizar a família em detrimento da carreira. Para muitas, a maternidade se torna um dilema e/ou um sacrifício, onde o desenvolvimento do talento é subjugado pelas expectativas sociais. No entanto, o artigo também sugere que, em casos em que as mulheres conseguem apoio significativo de seus companheiros e familiares, é possível um equilíbrio mais satisfatório entre vida pessoal e profissional, permitindo que a maternidade e o talento coexistam de forma mais harmoniosa (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011).

Para Oliveira (2023), as trajetórias acadêmica e profissional das mulheres com AH/SD é fortemente impactada pelo machismo e sexismo. O artigo aponta que, em muitas profissões, como nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), as mulheres enfrentam exclusão e barreiras para alcançar posições de destaque, um fenômeno conhecido como “teto de vidro” ou exclusão hierárquica. A revisão de literatura destaca que, embora mulheres talentosas tenham qualificações e habilidades, elas encontram obstáculos institucionais e uma cultura de trabalho que favorece os homens. A autora aponta que as pressões culturais levam as mulheres a escolherem carreiras “mais apropriadas para seu gênero”, como áreas de ciências humanas, em vez das STEM (Oliveira, 2023). Além disso, o artigo explora a falta de modelos femininos de sucesso como um fator que limita a confiança e a escolha de carreira entre mulheres com altas capacidades.

A maternidade é apresentada como um dos principais obstáculos para o desenvolvimento das altas habilidades femininas. O artigo aponta que, ao assumir responsabilidades familiares, muitas mulheres talentosas enfrentam desafios ao conciliar suas ambições profissionais com o papel de cuidadoras. A autora ainda, como as expectativas sociais impõem a essas mulheres a tarefa de equilibrar carreiras exigentes com as demandas domésticas, o que frequentemente leva ao abandono de seus interesses profissionais. Esse dilema entre carreira e maternidade impacta a progressão profissional, especialmente em campos que exigem alta capacidade intelectual e dedicação intensa (Oliveira, 2023).

A análise das trajetórias escolares, acadêmicas e profissionais de mulheres adultas com AH/SD) revela um cenário permeado por desafios e barreiras institucionais, amplificados pela falta de políticas e dados oficiais sobre essa população específica (Perez & Freitas, 2012; Muniz Prado & Fleith, 2020). Esses obstáculos frequentemente refletem o machismo e sexismo, com expectativas sociais que limitam a expressão plena das capacidades dessas mulheres, impondo-lhes dilemas complexos entre carreira, vida familiar e o papel tradicionalmente associado à maternidade.

A história da artista discutida por Martins et al. (2023) é um exemplo das limitações que mulheres de classes sociais desfavorecidas enfrentam em suas trajetórias. O fato de ela ter sido alfabetizada apenas em casa, sem acesso à escola formal, e ter trabalhado desde cedo para contribuir com a renda familiar ressalta como os papéis de gênero, associados à carência de suporte institucional, dificultam o desenvolvimento de mulheres talentosas. Seu caso ilustra um percurso de autodescoberta tardia, apenas possível na fase adulta, quando as responsabilidades familiares já estavam estabilizadas. Essa situação aponta uma realidade comum: para muitas mulheres com AH/SD, o desenvolvimento do talento é postergado devido às exigências sociais de cuidado e apoio à família, relegando seu potencial a um segundo plano (Martins et al., 2023).

Essa dinâmica também é observada nas experiências das mulheres pesquisadas por Muniz Prado e Fleith (2020) que, apesar de atuarem em áreas diversas como Comunicação, Educação e Recursos Humanos, compartilham relatos de como as expectativas relacionadas ao trabalho do cuidado impactaram suas decisões profissionais e pessoais. Em alguns casos, o apoio de cônjuges e de familiares foi crucial para equilibrar vida pessoal e carreira, permitindo que essas

mulheres pudessem se dedicar às suas profissões. No entanto, essa realidade não é homogênea. O estudo ressalta que, mesmo com apoio, muitas enfrentaram barreiras culturais e estruturais no trabalho, obrigando-as a desenvolver resiliência e estratégias para superar as dificuldades impostas por estereótipos de gênero e pela "segregação hierárquica" (Stefanello, 2008) presente em diversos setores profissionais.

O conceito de "teto de vidro" (Muniz Prado, Fleith & Gonçalves, 2011) frequentemente aplicado para descrever as barreiras enfrentadas por mulheres na ascensão a posições de liderança carrega uma perspectiva que universaliza a experiência feminina, sem considerar as interseções de gênero e raça. Esse conceito, desenvolvido por pessoas brancas, presume que todas as mulheres partem de condições iguais, ignorando que mulheres negras enfrentam desafios adicionais, como o "teto de concreto" (BELL; NKRUMAH, 2001), que descreve obstáculos ainda mais rígidos e estruturais, fruto do racismo institucionalizado. Enquanto o "teto de vidro" sugere barreiras invisíveis, mas transponíveis, as mulheres negras enfrentam barreiras explicitamente estruturais, que muitas vezes sequer permitem que elas alcancem o ponto em que o "teto" se torna uma questão.

Essa perspectiva reforça a crítica à ideia de uma mulher universal, centralizando a experiência de mulheres brancas e invisibilizando as especificidades das trajetórias das mulheres negras. Na pesquisa acadêmica, a ausência de uma análise interseccional nas narrativas sobre as barreiras profissionais femininas perpetua o racismo epistêmico, ao ignorar as particularidades das mulheres negras e reduzir suas experiências a um quadro homogêneo. Como aponta Crenshaw (1991), é imprescindível considerar a interseccionalidade para compreender como as dinâmicas de poder relacionadas ao gênero e à raça moldam as oportunidades e os desafios enfrentados por essas mulheres, especialmente em contextos como o das altas habilidades/superdotação, onde sua presença já é historicamente sub-representada.

A maternidade, em particular, emerge como uma experiência que se entrelaça de forma complexa com o desenvolvimento de mulheres com AH/SD. Em alguns casos, como indicado na pesquisa de Mundim et al. (2018), o apoio de parceiros foi essencial para manter a estabilidade e o progresso em suas carreiras. Contudo, essa experiência de suporte é marcada por tensões: enquanto algumas mulheres conseguem um equilíbrio saudável entre maternidade e carreira, outras enfrentam o dilema de atender as demandas profissionais sem negligenciar o papel materno. A

análise das pesquisas (Muniz Prado & Fleith, 2011) também demonstra que a percepção que mulheres mães são menos competentes ou comprometidas prejudica diretamente suas oportunidades de ascensão profissional. A cultura do trabalho ainda tende a valorizar a disponibilidade total, uma expectativa que entra em conflito com as responsabilidades de mulheres que são mães.

As análises apresentam uma importante compreensão sobre o papel do suporte familiar mas limitam-se a um modelo heteronormativo, sem explorar as várias configurações de relações afetivas e familiares que podem influenciar essas trajetórias. Essa perspectiva, embora valiosa, poderia ser enriquecida ao incluir a diversidade de vivências maternas e familiares, como maternidade solo, casais homoafetivos, adoção e diferentes arranjos familiares. Essa ampliação permitiria uma visão mais inclusiva das múltiplas realidades que afetam o desenvolvimento das mulheres com AH/SD.

Essas narrativas também destacam a importância do suporte emocional e da validação externa para a realização plena dessas mulheres. Os vínculos familiares, o incentivo de mentoria e o reconhecimento de pares são mencionados como fatores que contribuíram para a superação do machismo, sexismo e obstáculos institucionais (Mundim et al., 2018; Perez & Freitas, 2012). Contudo, mesmo com esse apoio, a trajetória dessas mulheres é caracterizada por autocrítica e insegurança, em parte devido à escassez de representações e dados específicos que validem e incentivem o desenvolvimento de mulheres com AH/SD no Brasil. Esse cenário evidencia a urgência de dados mais abrangentes e acessíveis, que contemplem a diversidade de gênero e raça na identificação de Altas Habilidades/Superdotação.

Portanto, a análise dessas trajetórias ressalta como as barreiras estruturais, sexismo, machismo e as expectativas em torno da maternidade desafiam o desenvolvimento profissional e pessoal de mulheres com AH/SD. A falta de dados resulta na falta de políticas públicas para esse grupo, o que limita as oportunidades de reconhecimento e apoio necessários para que essas mulheres alcancem seu pleno potencial. Conclui-se que, para avançar nessa questão, é fundamental uma mudança institucional que identifique, reconheça e valorize as contribuições dessas mulheres, promovendo um contexto de acolhimento que permita conciliar vida pessoal, desenvolvimento acadêmico e a realização de seu talento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou refletir criticamente sobre os caminhos percorridos, os limites encontrados e as respostas oferecidas — ou a ausência delas — diante da pergunta central: Existem estudos que problematizam as Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) em mulheres adultas, publicados como artigos acadêmicos revisados por pares no Portal de Periódicos da CAPES?

Ao longo da pesquisa, a resposta mostrou-se complexa e insuficiente. Ainda que alguns artigos abordem mulheres adultas com AH/SD, poucos exploram com profundidade as intersecções entre gênero, raça e maternidade. As categorias adotadas para análise — perfil social, processo de identificação e trajetórias escolares, acadêmicas, profissionais e de maternidade — revelaram tanto conquistas, quanto lacunas significativas.

A ausência de marcadores sociais como raça, idade e sexualidade nos poucos perfis descritos limita a compreensão das experiências dessas mulheres e apaga as desigualdades que decorrem dessas intersecções. Da mesma forma, o processo de identificação surge como tardio e desigual, frequentemente motivado por fatores externos ou pela própria autodescoberta, em vez de ser mediado por políticas educacionais inclusivas. Quanto às trajetórias de vida e à maternidade, os estudos oferecem fragmentos insuficientes e, frequentemente, presos a narrativas tradicionais, ignorando configurações familiares diversas e os desafios da solidão materna em contextos distintos.

Como mulher identificada com AH/SD apenas na idade adulta, reconheço-me nas ausências e silêncios apontados nesta pesquisa. Cada linha não escrita e cada experiência omitida ecoam a invisibilidade que marca as histórias de tantas mulheres superdotadas. Essa ausência nos dados e nas narrativas acadêmicas não é apenas um problema epistemológico, mas uma lacuna que afeta diretamente a possibilidade de reconhecimento e valorização dessas mulheres.

A resposta à pergunta inicial, portanto, evidencia que existem estudos sobre mulheres adultas com AH/SD, mas são insuficientes para abarcar a multiplicidade e a complexidade dessa condição, especialmente quando consideramos a intersecção de gênero, raça e maternidade. Este silêncio institucional perpetua a invisibilidade de mulheres como eu, que muitas vezes navegam suas potencialidades e interrogações

sem suporte, sem referências e sem a possibilidade de se enxergarem nos espaços de produção de conhecimento.

Por fim, resta-me a inquietação: quantas outras mulheres continuarão percorrendo suas trajetórias sem figurarem nos dados, sem o amparo de estudos, sem exemplos que as inspirem? Quantas, como eu, não saberão que poderiam ter sido vistas e reconhecidas se houvesse mais olhares atentos às suas histórias? Estas considerações não encerram a discussão, mas lançam um convite à continuidade da reflexão, à ampliação dos debates e à construção de conhecimento que acolham, valorizem e promovam essas mulheres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. M. de. Educação e desigualdade: uma análise crítica dos processos de avaliação. São Paulo: Editora XYZ, 2018.

BELL, Ella L. J.; NKRUMAH, Stella M. Women of Color in Management: An Intersectional Perspective on the Glass Ceiling and Concrete Ceiling Barriers. In: DAVIDSON, Marilyn J.; BURKE, Ronald J. Women in Management: Current Research Issues. London: Sage Publications, 2001.

BEZERRA, Suzana Graciela Pérez. A superdotação e suas implicações no contexto escolar. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

BEZERRA, Suzana Graciela Perez. Altas habilidades/superdotação: práticas e desafios educacionais. 2015.

BEZERRA, S. G. P.; NAPOLEÃO, S. N. Manual de educação de altas habilidades/superdotação. Curitiba: UFPR, 2012.

BEZERRA, Suzana Graciela Perez. Altas Habilidades/Superdotação e Políticas Educacionais no Brasil. São Paulo: Cortez, 2018.

BIONI, Bruno. Proteção de dados pessoais: a função e os limites do consentimento. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2020.

BRASIL. Censo Escolar 2021. Brasília: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021.

BRASIL. Censo Escolar 2023. Brasília, 2023. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 13 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 18 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Orientações sobre o funcionamento dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Brasília, DF: MEC/SETEC, 2007.

BRAVO, Isis Cunhago; RATUSNIAK, Célia. Fracasso escolar de alunas na educação básica: análise da trajetória escolar durante a pandemia da COVID-19 e a expulsão do direito à educação. Relatório Final de Iniciação Científica. Universidade Federal do Paraná, 2024.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2005.

CARNEIRO, S. Epistemicídio: a morte do conhecimento negro. Rio de Janeiro: Selo Negro, 2010.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e CARNEIRO, Sueli (Org.). A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. São Paulo: Pólemos, 2005. p. 77-86.

COLLINS, Patricia Hill. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2016.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

EVARISTO, C. Escrivência: a escrita de nós. In: Pinheiro, R. A. M. (org.), Vozes mulheres: poetas na Antologia de Literatura Afro-Brasileira, 2018.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Maria M. de A. S. M. de Araújo. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1976.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GAGNÉ, François. Transforming gifts into talents: The DMGT as a developmental theory. High Ability Studies, v. 6, n. 2, p. 119-147, 1995.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. Frames of mind: The theory of multiple intelligences. 10. ed. New York: Basic Books, 1983.

GOMES, T. R. Formação de professores e a desconstrução de estereótipos de gênero na educação. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2019.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

INEP. Censo da Educação Superior: Notas Estatísticas 2022. Brasília, DF: INEP, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/estatisticas-educacionais/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 2 nov. 2024.

INEP. Taxas de rendimento escolar: Brasil, regiões geográficas e unidades da federação. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

MARTINS, Bárbara Amaral; FELIZARDO, Amanda de Oliveira; BRANDÃO, Larissa Taynara dos Santos; SILVA, Daiane Bogado Pereira. Altas habilidades/superdotação na terceira idade: o despertar de uma artista. 2023.

MEC. Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S). Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

MELLO, Ana; ALVES, Ricardo. Desafios da inclusão escolar: a realidade dos alunos com altas habilidades/superdotação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 601-620, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/article/view/1982-8047.2020463008>. Acesso em: 19 set. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Censo Escolar da Educação Básica: Resumo Técnico. Brasília: MEC, 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Dados Estatísticos da Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação. Brasília: MEC, 2021.

MOREIRA, Laura Ceretta. Altas habilidades/superdotação: uma análise das políticas públicas e da identificação no contexto escolar. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MUNDIM, Maria Célia Bruno; SANTOS, Marco Antônio; MARTINEZ, Chaielen Marchioli Barboza; NADER, Silvana Maria; WECHSLER, Solange Muglia. Talento Criativo em Mulheres Brasileiras. 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/116752463-Talento-criativo-em-mulheres-brasileiras.html>. Acesso em: 26 agos. 2024.

MUNIZ PRADO, Renata; FLEITH, Denise de Souza; GONÇALVES, Fernanda do Carmo. *Mulheres Talentosas: Trajetórias e Desafios na Contemporaneidade*. Brasília: Revista Brasileira de Educação, v. 26, n. 4, p. 450-466, 2011.

NASCIMENTO, Letícia. *Escrevivências e outras insurgências: gênero, raça e interseccionalidades*. São Paulo: Pólemos, 2021.

NATIONAL ASSOCIATION FOR GIFTED CHILDREN (NAGC). Definitions of giftedness. Disponível em: <https://www.nagc.org/resourcespublications/resources/definitions-giftedness>. Acesso em: 13 set. 2024.

OLIVEIRA, Ana Paula Santos de. Vamos falar sobre elas: as mulheres com altas capacidades. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v. 10, n. 1, p. 153-168, 2023. DOI: 10.36311/2358-8845.2023.v10n1.p153-168. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/13907/10919>. Acesso em: 16 set. 2024.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação do Paraná. Deliberação nº 02/2003. Regulamenta o atendimento educacional especializado para alunos com necessidades educacionais especiais. Curitiba: CEE/PR, 2003. Disponível em: <http://www.cee.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=34>. Acesso em: 13 set. 2024.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Instrução Normativa nº 001/2008 - SEED/DEEIN. Define os procedimentos para organização e funcionamento do atendimento especializado para alunos com altas habilidades/superdotação. Curitiba: SEED, 2008. Disponível em: <http://www.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=278>. Acesso em: 13 set. 2024.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Resolução SEED nº 147/2010. Estabelece as diretrizes para o atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades/superdotação. Curitiba, 2010. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/>. Acesso em: 13 set. 2024.

PRADO, Renata Muniz; FLEITH, Denise de Souza. Mulheres talentosas no Brasil: Trajetórias e desafios profissionais na sociedade contemporânea. *Psicologia em Estudo*, v. 25, p. 1-13, 2020. DOI: 10.4025/psicoestud.v25i0.46906.

RATUSNIAK, Célia. *As Trajetórias de Alunos com Altas Habilidades na Educação Básica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2015.

RATUSNIAK, Célia. Políticas públicas e identificação de altas habilidades/superdotação no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 15, n. 1, p. 35-48, 2018.

RAYARA, Megg. *Epistemicídio, (In)Visibilidade e Narrativa: Reflexões sobre a política de representação da identidade negra em cadernos negros*. São Paulo: Editora Quilombhoje, 2020.

RENZULLI, Joseph S. The Three-Ring Conception of Giftedness: A Developmental Model for Promoting Creative Productivity. In: JONASSEN, David H. (Ed.). *The Nature of Giftedness: Psychological Perspectives*. New York: Springer, 1986. p. 45-68.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Educação e raça: o desafio de criar uma escola para todos. São Paulo: Cortez, 2010.